



500 anos  
de América

O historiador e sociólogo Clovis Moura analisa o processo de colonização e dominação da América de Colombo aos dias atuais

Órgão Central do Partido Comunista do Brasil

PÁGINA 6 E 7



ARQUIVO

# ITAMAR ASSUME E CRITICA "MODERNIDADE"

## Massacre de presos causa revolta

A polícia de São Paulo patrocinou, na véspera da eleição, o maior massacre já realizado no sistema penitenciário brasileiro. A versão oficial diz que foram 111 mortos mas os presos afirmam que os assassinados chegam a 246.

O ministro da Justiça, Maurício Corrêa, o procurador geral da República, Aristides Junqueira, e representantes da ABI e da OAB visitaram a Casa de Detenção e condenaram o massacre. Entidades de direitos humanos no Brasil e no exterior exigem a apuração rigorosa dos fatos.

PÁGINA 8

## Honecker prisioneiro na Alemanha

PÁGINA 10



Itamar recebe a comunicação de que é o novo presidente da República

Em seus primeiros pronunciamentos, o novo presidente critica o ideário neoliberal modernista de Collor. E afirma que vai rever o plano de privatização. As pressões por parte das elites se multiplicam tentando enquadrar Itamar no superado modelo collorido. Apesar disso, existe uma nova situação política e a expectativa no aprofundamento da democracia e da defesa dos interesses nacionais.

PÁGINAS 4 e 5  
EDITORIAL Pag. 3

## Urnas também condenam Collor

Defensores de Collor foram derrotados nas eleições de 3 de outubro pelo voto da indignação popular.

Comunistas elegem vereadores nas principais capitais brasileiras.

PÁGINA 9

**Crise monetária abala unidade europeia**

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois

PÁGINA 12



## CARTAS

## Grande aula

Tenho 43 anos completados em 28/03. Comecei a trabalhar com 7 anos, durante todo este tempo eu ainda não tinha dito a mim mesmo: "hoje eu não vou trabalhar". Hoje eu disse e estou feliz.

Fui para um bar aonde várias pessoas acompanhavam a votação. Quando chegou ao voto número 336, eu levantei e disse aos presentes, "pronto, agora vocês estão livres do presidente que vocês elegeram" e saí.

Foi uma grande aula a que tive hoje. Entendo que sem o povo nas ruas, como propôs o PCdoB, jamais gente como o quase-defunto Roberto Campos votaria contra Collor.

Ermânio de Oliveira  
Altamira - PA

## Fora Collor e seu projeto

Quando Collor começou esta empreitada toda a corrupção estava organizada, planejada na casa da Dinda, é mole? Por PC, Cláudio Vieira e Ana Acioly.

Estes animais corruptos e corruptores viraram uma quadrilha só de doutores, oficializando no país a rouba-lheira sob o comando da burguesia matreira.

A corrupção é mazela deste regime que explora o trabalhador e o oprime, porém, não tem cura esta "modernização" que Collor criou para melhor passar a mão.

Inventou bancos e falsas contas bancárias, fantasmas que sacam somas milionárias, utilizou até contrabandistas de ouro, agora compra mentes com recursos do tesouro.

Com isso, institucionaliza a imoralidade, suborna deputados a votar sem piedade na corrupção e contra seu afastamento, será o último ato deste mamulengo?

Esta crise é política e econômica e o Brasil passa por situação cômica onde os Estados Unidos e o FMI mandam e desmandam toda hora por aqui.

Quem assume este projeto trai a nação, vende estatais lucrativas pra privatização, sucateia as pesquisas e a tecnologia, é um grande atentado a nossa soberania.

O que Collor diz e faz é traição nacional com desemprego, recessão e arrocho salarial, com economia em baixa e queda fiscal, esta é a política chamada neoliberal.

Reduz as verbas à saúde e à educação, com o pretexto de combater à inflação. No entanto, isto é jogo de cartas marcadas pra pagar a dívida já tão reembolsada.

Esta sangria não pode continuar sob pena do desenvolvimento parar, pois está em jogo a vida dos brasileiros que somam cento e cinquenta milhões de altaneiros.

Por isso, vamos às ruas num movimento, levando no peito o desejo de mudança, despertando consciências para o momento e exigindo novos rumos nestas andanças.

O que se coloca é estarmos bem atentos para gritar com força: FORA COLLOR INDIGENTE, levantarmos bandeiras, sairmos dos acentos, não deixando as elites enganar nossa gente!

Fernando Filipak  
Jaru/RO

## Não estamos à venda...

Sou mais um brasileiro pertencente ao proletariado indignado com as manobras mafiosas postas em prática por esse homem que representa o que existe de mais podre e enojoso em nosso país. Me pergunto como pôde esse cafajeste e maganão permanecer no poder até hoje?

Fico irritado diante da cara de pau do mesmo que continua zombando de nossa inteligência política, e digo mais, "elle" pensa que somos alimários ou talvez alienados. Não podemos ver tudo e fingir que não acontece nada, estamos sendo apanhados em plena luz do dia e não vamos permitir que roubem o pouco que temos.

Temos que partir para cima e se preciso for derramar nosso sangue contra aqueles que usurpam nossa pátria amada, não devemos calar nem nos acovardar para que um dia possamos olhar para trás e dizer: fiz algo pelo meu país e você fez?

Fora Collor, Fora FMI, fora ianques malditos, fora burguesia exploradora, fora corruptos sangue-sugas do proletariado, fora políticos mercenários, aproveitadores e sem escrúpulos.

Jorge Luis Mendes  
Fortaleza - CE

## PCdoB mostra sua força

Emocionou-me muito ver o resultado vitorioso do Impeachment, e saber que o PCdoB foi o único partido que realmente levantou esta bandeira sem vacilar nenhum instante, ao contrário de alguns partidos que pouco antes do desenrolar do processo, ainda sustentavam palavras de ordem como: "Diga não ao Collor" ou "Até 1994".

Minha única crítica à participação do PCdoB neste processo é quanto ao fato da bandeira Fora Collor não ter sido explorada ousadamente pelo partido, o que deu margem para que a grande imprensa e democratas camuflados, enfatizando somente a questão do moralismo e corrupção como motivos para o impeachment, abarcassem a campanha em prol de seus interesses ofuscando a imagem do PCdoB.

Mas, ainda assim, ver operários, estudantes e demais segmentos da população juntos nas ruas descobrindo e exercitando a democracia, e saber que o PCdoB sempre esteve junto neste movimento e em outros momentos marcantes da história, é, sem dúvida, motivo de orgulho para os seus militantes.

Fazer crescer o partido e suas idéias, contribuindo assim para que a chama do socialismo não se apague, é uma tarefa que deve ser encarada por todos nós comunistas.

Regina Ribeiro  
Bauru-SP

## Realidade do povo

Estou remetendo cheque de Cr\$ 80.000,00; como renovação anual da A Classe Operária. Não sei se minha assinatura anterior já completou o prazo, mas como A Classe Operária é o único jornal que melhor apresenta a realidade ao povo, estou tomando a precaução de renovar a assinatura.

A Classe Operária deveria fazer sugestões de quais livros deveríamos ler, principalmente aqueles que podem ser pedidos pelo reembolso postal.

Até hoje não entendi porque é que os partidos não defendem uma reforma agrária ecológica e municipalista.

Silvio Acioli Pimentel  
Pirassununga - SP

## Jovens estão vivos

As ruas brasileiras começaram a ganhar, enfim, um som jovial e barulhento. Elas estavam há tempos, desertas, de gente jovem e descontraída, de gente com cara pintada, de meninos e meninas que despertam de um sono profundo e triste, próprio de gerações sem esperança e de mentes acostumadas ao ócio da mesmice.

A grife "FORA COLLOR" que é exibida nos rostos rebeldes, constitui uma harmoniosa canção contra a falta de ética na política, contra a corrupção, contra as velhas-mesmas-falsas-maquievélicas-e-obtusas faces que comandam o processo decisório no país.

Os jovens estão cheios de fé e a fé é a única e insuperável condição para desarmar jogos de poder e preparar a semente de um tempo mais limpo, mais aberto e mais sincero.

Os anos rebeldes, Caetano, Gil, Chico, os festivais da Record, os anos lúgubres da ditadura, as perseguições, as prisões, os discursos presos na garganta, a tortura, os cavalos jogados contra as multidões, os choppes engolidos sofregamente nos barzinhos escondidos e as paixões-Elas, sempre Elas-encobridoras os medos, emergem, de repente, pelo milagre da memória televisiva. Simbioticamente, ligam-se ao presente, formando uma cadeia de sentimentos em torno de músicas definitivas como "Alegría, alegría" e "Soy loco por ty America". E elas por pura beleza, semeiam nos jovens a sensação de que são canções de hora presente.

O hoje se veste com o traje do ontem para garantir a integridade e força do verso: quem sabe faz a hora, não espera acontecer.

Mais importante que isso, porém, é ouvir gritos nas ruas, saindo de gargantas que até pouco tempo, se abriam apenas para sorver (e absorver) cocas, guaraná e sanduíches. Que beleza. Os jovens começaram a sonhar.

Clodoaldo Oliveira  
São Luis - MA

## Fortalecer entidades

O Partido Comunista do Brasil, demonstrando total conhecimento de causa, sempre é o primeiro a se manifestar contra os mecanismos artificiais e prepotentes do capitalismo selvagem, e, com isso oferecendo credibilidade, contribuindo com as questões que estão na ordem do dia e formando líderes para construção da Comunidade Comunista.

E os estudantes estão nas ruas. Nostalgia é assunto ultrapassado. O aniversário da UNE (União Nacional dos Estudantes), foi comemorado com uma grande mobilização estudantil, mostrando que esta classe está adquirindo consciência política para resistir na luta pela construção do socialismo.

A não liberação do crédito educativo, o total descaso para com as Federais e os preços exorbitantes das mensalidades particulares, vem causando altas paranóias em inúmeros colegas acadêmicos gerando insatisfação com a política entreguista deste almofadinha (que está com os dias contados), comprometido com o capitalismo ianque e aumentando a motivação na liderança dos movimentos. Parabéns aos camaradas da UBES e da UNE e, principalmente ao nosso líder da entidade máxima, Lindbergh Farias Filho!

A hora está chegando! Vamos fortalecer todas as entidades de base (DAs, CAs e DCEs). VIVA A REVOLUÇÃO!

João Ferreira da Silva  
Governador Valadares - MG

**A Classe Operária**

Diretor e Jornalista Responsável  
João Amazonas  
Editora: Ana Maria Rocha  
Redação: Dilermando Toni, Jefferson Barros

Colaboradores: Altamiro Borges, Antonio Carlos Quelroz, Bernardo Joffily, Carlos H. Vasconcelos, Carlos Pompe, Gulomar Prates, José Reinaldo Carvalho, Juarez Tadeu, Moacyr de Oliveira Filho, Olívia Rangel, Pedro Augusto Pereira, Pedro Oliveira, Umberto Martins - Projeto Gráfico: Auracélio e Equipe - Diagramação: José Luis Munuera Reyes

Composição e Arte Final Computar - Fone: (011) 36-0412 - Fotolito: Enfocke Impressão: Gazeta da Lapa Administração: Vera Lúcia Lopes da Silva - Arquivo: Leandro Schillpake - Secretária: Sílvia Regina Lopes Publicação da Empresa Jornalística A Classe Operária - Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo/SP Fone: (011) 34-4140

Sedes Regionais do PCdoB  
ACRE - Rio Branco - R. Rio Grande do Sul, 65 - (068) 224-7329 - ALAGOAS - Maceió - Ladeira do Brito, 72 - Centro - (082) 221-4634/221-4728 - AMAZONAS - Manaus - R. Luiz Antony, 762 - Centro - (092) 233-7717 - AMAPÁ - Macapá - Av. Feliciano Coelho, 882 - Bairro do Trem - BAHIA - Salvador - R. Junqueira Ayres, 41 - Barris - (071) 321-6420/321-6622 - CEARÁ - Fortaleza - R. São Paulo, 1.037 - Centro - (085) 221-4090 - DF - Brasília - HIGS Bloco G Casa, 67 - (061) 225-8202/225-3933 - ESPÍRITO SANTO - Vitória - R. Prof. Baltazar, 152 - Centro - (027) 222-8162 - GOIÁS - Goiânia - Alameda Botafogo, 427 - Centro - (062) 223-5571 - MARANHÃO - São Luiz - R. Viana Vaz, 110 - Centro - (098) 222-5295 - MINAS GERAIS - Belo Horizonte - R. Padre Belchior, 285 - Centro - (031) 222-3161 e 173-1519 - MATO GROSSO DO SUL - Campo Grande - Rua 13 de Maio, 3.853 - Casa 1 - Centro - CEP 79100 - (067) 721-1390 - MATO GROSSO - Cuiabá - R. Comandante Costa, 548 - Centro - (065) 321-5095 - PARA - Belém - R. 3 de Maio, 1.834 - Centro - (091) 229-5200 - PARAÍBA - João Pessoa - R. Pedro II, 932 - Centro - (063) 221-8325 - PERNAMBUCO - Recife - R. Afonso Pena, 233 - Boa Vista - (081) 231-2038 - PIAUÍ - Teresina - R. Desembargador Freitas, 1.216 - Centro - (086) 221-1162 - PARANÁ - Curitiba - R. Voluntários da Pátria, 92 - Conj. 212 - 3º andar - Centro - (041) 223-5920 - RIO DE JANEIRO - Rio de Janeiro - R. 13 de Maio, 33 - 16º andar - Conj. 1601 - Centro - (021) 240-5286/220-1366 - RIO GRANDE DO NORTE - Natal - Praça Kennedy - R. Vaz Godin, 86 - Centro - (084) 222-6323 - RONDÔNIA - Porto Velho - R. Tenreiro Aranha, 2.122 - Centro - (069) 222-4242 - RORAIMA - Boa Vista - Avenida Capitão Júlio Bezerra, 953 - São Francisco - (095) 224-1870 - RIO GRANDE DO SUL - Porto Alegre - R. Dr. Vale, 142 - Floresta - (0512) 229-4173 - SANTA CATARINA - Florianópolis - Avenida Mauro Ramos, 475 - Centro - (0482) 24-1927 - SERGIPE - Aracaju - R. Lagarto, 890 - Centro - (079) 224-8664 - SÃO PAULO - São Paulo - R. Condessa de São Joaquim, 272 - Liberdade - (011) 277-3322 - TOCANTINS - Gurupi - Avenida Goiás, 1962b - Centro. NOVO FAX: (011) 36-0412

ASSINE

**A Classe Operária**

Recorte e envie com cheque para: Empresa Jornalística A Classe Operária, Rua Adoniran Barbosa, 53 - Bela Vista - São Paulo - SP - CEP 01318-020.

Trimestral: Cr\$ 24.000,00  
Semestral: Cr\$ 48.000,00  
Anual: Cr\$ 96.000,00  
Para Exterior: US\$ 90 - Anual

Nome: \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_

Fundação de Documentação e Memória  
Maurício Grabois  
Fone: (011) 34-4140  
Fax: 36-0412



## Opinião

Massacre  
causa revolta

JAMIL MURAD

Deputado Estadual PCdoB-SP

No último dia 3 de outubro, o então secretário de Segurança Pública do Estado de São Paulo, Pedro Franco de Campos, embarcou tranquilamente num helicóptero com destino a Mogi Mirim, interior paulista, onde foi exercer o seu direito de voto.

Na véspera, dia 2, ordenara a invasão da Casa de Detenção de São Paulo pela PM a pretexto de debelar uma suposta rebelião de detentos. O saldo da ação policial foi o massacre que estremeceu o Brasil e o mundo. Na invasão do Carandiru foram disparados 5 mil projéteis e morreram 111 detentos, conforme o comando da própria PM. Esses números são contestados por presos e entidades da sociedade civil.

Assim agia o homem até há pouco responsável pela (in)segurança no Estado. A sistemática, crescente e incontrolável violência policial foi encarada por ele com naturalidade, como se fossem acontecimentos normais. Execuções sumárias, espancamentos, barbárie oficial mereceram o beneplácito, a condescendência criminosa por parte do ex-secretário.

Os fatos ocorridos no Pavilhão 9 do Carandiru são, assim, o apogeu de uma deliberada política de violência praticada por agentes públicos. Em 1991, a PM paulista matou 1077 pessoas e feriu 1350. De janeiro a agosto deste ano foram 762 mortes. Conforme o jornal *Folha de São Paulo* (6/10/92, pág 1-14) a PM do governo Fleury matou uma pessoa a cada 7 horas, isso até junho do corrente ano. A título de comparação, as polícias de Tóquio e Nova Iorque mataram, respectivamente, e 11 pessoas no ano passado.

Em São Paulo vige a pena de morte. Mas a criminalidade persiste. Nenhuma relação de custo-benefício existe entre carnificina policial e diminuição da delinquência. O que se viu em toda a gestão do antigo secretário foi a reiterada "ação enérgica" da polícia, mesmo que o cadáver, vítima da agressão, ainda estivesse quente.

Ao entregar sua carta de exoneração, Pedro Franco afirmou estar com a "consciência absolutamente tranqüila quanto aos episódios" com a certeza da licitude das medidas que tomou ao ordenar a invasão. Fleury classificou a chacina de "trágica e vergonhosa", porém isentou seu antigo assessor de qualquer responsabilidade: "não há nenhuma crítica à conduta dele".

Há muito tempo temos denunciado esta filosofia do extermínio exigindo a exoneração do secretário e o fim desta política de violência. Se tais medidas já tivessem sido tomadas, o massacre do Carandiru não teria ocorrido.

A ONU, Anistia Internacional, OAB, religiosos e parlamentares exigem rigorosa apuração dos fatos e punição dos culpados. Estamos requerendo que a Assembleia Legislativa de São Paulo instale uma CPI com esse objetivo.

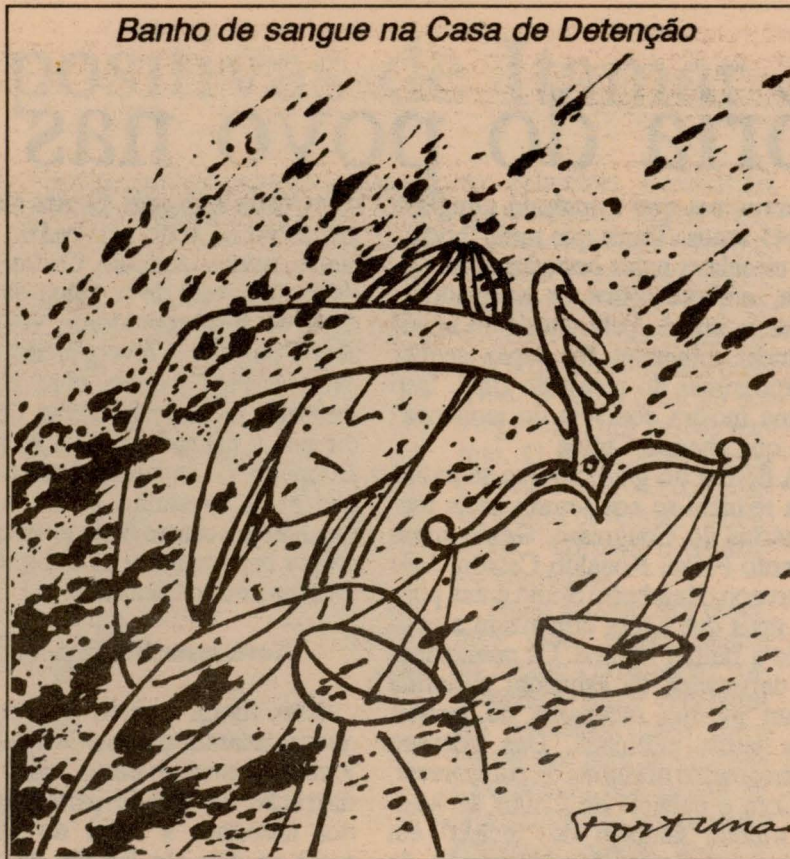
O povo derrubou um Presidente entreguista e corrupto, dando uma vigorosa demonstração de civilidade. Precisamos, agora, pôr fim à barbárie policial.

*Falta de emprego  
gera marginalidade.*

*As prisões estão  
abarrotadas.*

*A pena de morte  
está em vigor.*

## Banho de sangue na Casa de Detenção



## Divisor de águas

A vida comprovou o que afirmávamos e de que teria chance de alcançar êxito quem soubesse vincular a batalha política à eleitoral. As urnas condenaram aqueles que se arvoraram de defensores de Collor, deram mais espaço para os que integravam as forças opositoras ao governo corrupto.

Nenhuma dessas campanhas podem ser dadas como encerradas. Disputas de cidades importantes ficaram para ser definidas no 2º turno enquanto que a campanha do Fora Collor só pode ser dada como concluída quando também estiver enterrado o projeto neoliberal que ele personificou.

Não é a toa que desde o primeiro momento que assumiu o governo, Itamar passou a ser vítima de críticas sejam quanto aos integrantes de seu ministério, seja quanto a suas declarações contrárias à "modernidade collarida" expressas particularmente no discurso de posse dos primeiros ministros indicados. São ecos das tentativas das elites de enquadrar o novo governo nos velhos moldes neoliberais.

É evidente que a composição do ministério de Itamar ainda comporta elementos comprometidos com a velha política. Mas é evidente também que novos políticos ocuparam pastas importantes que podem contribuir para imprimir novos rumos ao país.

O fato é que a batalha do impeachment trouxe à tona uma nova correlação de forças, re-

forçada pelos resultados da batalha eleitoral, mesmo que ainda inconclusa devido ao 2º turno. Da mesma forma que vai ser preciso esforço redobrado e aglutinação de forças para barrar Maluf, Antônio Carlos Magalhães *et cetera*, também vai ser necessária a mobilização e articulação permanentes para que o novo governo leve à frente sua declarada intenção de rompimento com os velhos planos neoliberais de Collor, de aprofundamento da democracia e dos interesses nacionais.

É bom sinal o anúncio de que o governo determinou uma completa revisão do processo de estatizações.

Era hora de dar um basta ao calendário de privatizações definido por Collor. E sabemos que os progressistas têm de ficar alertas quanto a outros projetos de neoliberalismo no Brasil. Não podemos esquecer do efeito nefasto da lei das patentes, um verdadeiro atentado à soberania nacional. Para não falar da lei que restringe a atuação dos partidos, golpeando o avanço da democracia no país.

Nada mais compreensível, portanto, que o descontentamento de setores das classes dominantes, de um lado, e a esperança dos progressistas, de outro, com as primeiras declarações de Itamar visando tentar traçar um divisor de águas com o governo anterior e seus projetos lesivos aos interesses do povo e da nação brasileira.

A propósito  
da modernidade

RENATO RABELO

Membro do CC do PCdoB

É importante constatar a onda que se formou na grande imprensa nacional e internacional e entre "intelectuais", empresários, etc., contra o denominado ministério "medíocre" do governo Itamar e sobretudo porque este topou questionar o exaltado chavão da "modernidade". Temos assim a demonstração eloqüente do quanto os círculos dominantes do país e seus grandes chefes de fora apostavam na política neoliberal de Collor. O que querem agora? A continuidade dessa política.

Não temos dúvidas da enorme pressão que sofrerá o governo recém empossado para que se enquadre na estratégia da reestruturação mundial ditada segundo interesses dos países ricos, imperialistas e que nossas elites logo a assumiram com a fachada de modernidade, por estarem historicamente na posição de dependência e não possuírem projeto próprio de desenvolvimento nacional. Itamar Franco de forma simples colocou o dedo na ferida: "Um país não pode ter sua modernidade reclusa em setores de ostentação, enquanto o resto do povo se sfronta com a fome, o desemprego, a doença e a ofensa". Os projetos conhecidos como neoliberais, que tentam salvar o capitalismo, têm como essência o crescimento da produção na sua mais alta

forma de concentração e numa crescente centralização do capital, gerando por outro lado a exclusão de uma parcela maior da população dos frutos do desenvolvimento, ao acesso do próprio mercado, aprofundando a desigualdade social e ampliando o crescimento da miséria.

Nos países do chamado 1º mundo, onde esses projetos mais se desenvolveram, como na Inglaterra e USA, a crise econômica e social ressurgiu ainda mais profunda. No primeiro país a porcentagem de ingleses vivendo na extrema

pobreza dobrou de 1979 a 1986. No segundo país a renda da camada mais baixa estagnou, enquanto que os mais ricos cresceram suas rendas em mais de 2 mil por cento, nesses últimos 5 anos. Ora, nos países como o nosso, o impacto de tal projeto é muito mais devastador. O sucateamento da indústria, a privatização e especialização da economia, vai gerando desemprego e ao mesmo tempo deixa de surgir novos meios, suficientes para absorver a mão de obra ativa. Toda a população pode ter acesso à escola, ensino e saúde descentes, nas condições em que educação e assistência médica sejam predominantemente privados? Dessa forma só uma pequena parcela gozará desse "progresso". O "Estadão" diz que "modernidade consiste na conquista do progresso o mais depressa possível, da forma mais simples e mais rápida". Ponto final. Ou seja, progresso mais depressa possível para um punhado cada vez menor e miséria mais rápida para uma maioria crescente. Eis a questão que a modernidade tão decantada só enfatiza. E mais. Afirma o "Estadão" que "modernidade é substituir o obsoleto conceito de soberania" pelo de "interdependência entre nações". É mesmo uma pérola de ingenuidade ou grande cinismo? Fico com a última. Haja pote de barro contra o pote de ferro. Nesta "interdependência" vamos ter muitos cacos. De pó só os potes de ferro. O Brasil precisa sim de um projeto autônomo, global e estrutural para tanto. E preciso cons-

*Modernidade  
para os  
ricos é um  
conceito que  
significa  
mais  
miséria e  
exploração  
dos pobres  
em todo o  
mundo*



## NACIONAL

## IMPEACHMENT

## Vitória do povo nas ruas

DILERMANDO TONI

Desta vez nós ganhamos! Este era o sentimento do povo brasileiro após a maravilha jornada de lutas que pôs fim ao governo de Collor de Mello. Não era para menos, após a derrota da Diretas-já e da Frente Brasil Popular no segundo turno das eleições presidenciais, a esperança do povo em conquistar uma vitória significativa estava meio abalada.

Em primeiro lugar é preciso destacar que a derrota de Collor se deu pelas mobilizações de rua. Sem menosprezar o papel que jogou o Congresso Nacional, foram os milhões de brasileiros, especialmente os jovens os verdadeiros responsáveis pelo fim do pesadelo collorido. O furacão cara-pintada não foi catastrófico e sim um movimento democrático, cheio de criatividade que colocou novamente de cabeça erguida uma juventude que parecia ter esquecido a rebeldia de outras épocas em troca do individualismo da propaganda neoliberal.

No dia da votação do impeachment centenas de milhares de pessoas saíram às ruas. Em Brasília eram cem mil que acompanhavam do lado de fora do Congresso o desenrolar dos trabalhos parlamentares com a disposição de radicalizar caso Collor não fosse afastado. São Paulo ficou paralizada com a greve de 12 horas dos condutores e dos metroviários. Após a votação as comemorações estraram pela noite. O povo estava de alma lavada.

## Congresso saiu fortalecido

Já na véspera da votação restavam poucas dúvidas de que o impeachment fosse aprovado. O que não se

esperava era que a maioria atingisse os 441 votos. Tanto que num "bolão" que circulava pelos corredores da Câmara, embora todos os apostadores tivessem optado pela vitória do impeachment, ninguém foi capaz sequer de aproximar do resultado final. Isso é uma mostra concreta do isolamento a que chegou Collor.

A defesa do governo que se extinguia reduziu-se aos setores mais reacionários do Congresso. Gente como Ricardo Fiúza, Ronaldo Caiado, José Lourenço, Humberto Souto e uns poucos mais que agora organizam a oposição a Itamar Franco. Os comandantes derrotados da esquadra collorida foram mesmo incapazes de manter uma tática unificada. Uns votaram contra, outros deixaram de comparecer.

Com a débâcle de Collor de Mello, vieram também os "rachas" em alguns esquemas de sustentação de

oligarquias regionais. O caso mais significativo foi o do reacionário governador baiano Antonio Carlos Magalhães que gosta de se gabar da fidelidade de seus seguidores. ACM não aceita quaisquer divergências e pune exemplarmente quem ousa desafiar-lhe. Mas isso não foi capaz de impedir que a bancada carlista se partisse ao meio. O deputado Benito Gama que havia presidido a CPI e outros resolveram correr o risco de romper com a orientação de ACM e votaram a favor do impeachment.

## Nova consciência política

Não foram poucos os deputados que invocaram o nome de seus filhos jovens na hora de dar o "sim". A modificação de grande parte dos votos dos indecisos a favor do impeachment se deu em função da pressão

das ruas. A UNE e a UBES, entidades nacionais estudantis, bem como os seus líderes, voltaram à cena política em grande estilo, resgatando a tradição da juventude como força decisiva para resolver os problemas nacionais.

As forças políticas de extração popular e democrática se fortaleceram no processo. Esse foi o caso do PCdoB cujo presidente nacional João Amazonas acompanhou pessoalmente, ao lado da bancada do partido, a votação do impeachment. Na histórica sessão que afastou Collor falaram o líder da bancada, Aldo Rebelo (ver matéria nesta página) e a deputada pelo PCdoB-RJ Jandira Feghali que ressaltou em seu discurso: "A situação é grave e nós temos que responder com a altivez da representação popular, temos que aprovar a instalação do processo de impeachment por ampla maioria de votos porque é essa a resposta que a sociedade aguarda... com isso temos a possibilidade de dar uma saída correta a fim de continuar a luta pela mudança do Brasil".

No final de seu pronunciamento Jandira leu um trecho da letra de uma nova música de Ivan Lins e Vitor Martins que diz:

...Na minha terra ninguém morre de amor  
De fome e de esperança, sim senhor.  
Desculpe a verdade nua e crua  
Mas é tanta a falcatrua, que o  
país se acostumou  
Agora é ágrio, é pedágio, é propina  
Já faz parte da rotina, é a lei com  
o seu vigor.  
É uma força bem mais forte que  
se pensa  
É uma teia onde a aranha nunca está  
Que suborna, que alicia, que  
compensa,  
Mas só para aqueles que deixaram  
de sonhar...



H. Lima do PCdoB polemiza com H.Souto líder de Collor

## Destacada atuação da bancada do PCdoB

A bancada do PCdoB teve destacada atuação em todo o processo que culminou com a retirada de Collor de Mello do poder. Os parlamentares do partido ajudaram nos trabalhos da CPI, articularam denúncias, viajaram ao exterior em busca de dados, esforçaram-se para ampliar ao máximo a frente parlamentar contra o governo deposto. Mais que isso compareceram a centenas de atos públicos, incentivando a mobilização popular. Os cinco deputados comunistas não se limitaram a lutar contra a corrupção do governo de Collor de Mello. Em todas as ocasiões denunciaram os prejuízos que a cartilha neoliberal tem trazido ao Brasil. Publicamos abaixo o discurso pronunciado por Aldo Rebelo, líder da bancada do PCdoB na Câmara dos Deputados no dia da votação do impeachment.

O Partido Comunista do Brasil votará pela autorização para que se instaura o processo de impeachment do Presidente da República. Assim procederá porque, através das investigações promovidas pela imprensa, das denúncias formuladas por um grande número de deputados e, fundamentalmente, pelo trabalho da CPI, evidenciou-se que o presidente Collor de

Mello ao invés de se preocupar em governar este grande país e em resolver os graves problemas da vida nacional, dedicou-se com um grupo de amigos a transformar a Pátria e a administração pública em um valhacouto de foras-da-lei. Por este motivo, para que se imponha uma prática ética e moral na vida política e pública, é que votamos pela autorização do processo de impeachment.

No entanto, é preciso que se diga que a corrupção e a administração conduzidas com o objetivo de favorecer amigos e grupos econômicos, são também um aspecto fundamental no conjunto das orientações que o Presidente imprimiu a seu Governo, cavalgando o que ele denominou de social-liberalismo, de neoliberalismo ou de política de modernidade.

O Presidente da República conduziu o Brasil para a maior recessão que se registra em toda a sua história. Modernidade, no Brasil, virou sinônimo de desemprego, de fome batendo às portas dos lares dos operários e dos trabalhadores, de desespero dos que vivem da terra, das plantas e das sementes. Modernidade, no Brasil, virou sinônimo de desesperança, de angústia e de descrença para a imensa

maioria do povo. Modernidade no Brasil, passou a ser confundida com o desmantelamento criminoso do Estado brasileiro; um Estado imperfeito e viciado, mas que não poderia ser destruído, como está sendo, pelo Presidente da República. O Brasil transformou-se, pela política econômica do Presidente Collor, numa simples prateleira de vendas de bugingangas importadas dos Tigres Asiáticos e dos países do Primeiro Mundo. Como haveremos de alimentar, de vestir, de dar remédio a 150 milhões de brasileiros? Não caberão todos eles na Praça da Sé, em São Paulo, para ganhar a vida vendendo no meio da rua, como se faz atualmente no Brasil.

O fracasso da política deste governo não se dá somente pela corrupção, que é apenas uma face perversa, cruel de um modelo econômico excludente, elitista, que está sendo condenado nas ruas pelo povo e que certamente o será também nesta tarde, aqui, na Câmara dos Deputados. Que não alegue o Sr. Presidente da República que não teve direito de defesa, que aqui se trata de um tribunal de exceção. Muito pelo contrário. Nenhum cidadão brasileiro teve, em toda a história deste país, tantas redes de televisão e

rádio à sua disposição. Mas o Presidente usou os meios de comunicação, nas suas falas à Nação, não para se defender, mas para mentir, para inventar a Operação Uruguai, para defender seus cúmplices, para ofender o Congresso, o País, a honra e a dignidade do nosso povo.

Por este motivo, o Partido Comunista do Brasil, que condenou desde o início a orientação instalada no País, a partir da posse deste presidente conservador, naturalmente partilha com a nação a alegria deste resultado, que é a vitória desta Casa e das instituições democráticas, construídas com tanto sacrifício pelo nosso povo. Acima de tudo, é a vitória do cidadão, dos trabalhadores, dos jovens e das mulheres, que de Manaus a Porto Alegre, do Oiapoque ao Chuí, foram às ruas, num movimento cívico, libertário, de consciência, para exigir para o país não apenas um governo ético, que assegure a moralidade, mas um governo que assegure o bem-estar ao nosso povo, que retome o desenvolvimento, que nos assegure a soberania e um futuro de perspectiva e de esperança.

J. BATISTA



## NACIONAL

## Declarações positivas de Itamar

MOACYR DE O. FILHO  
de Brasília

Carregando nos ombros as esperanças de milhões de brasileiros que foram às ruas exigir o afastamento do corrupto Fernando Afonso Collor de Melo, o vice-presidente Itamar Franco foi empossado na Presidência da República, na sexta-feira, 1/10, num clima de muita expectativa dos setores progressistas e pressões das elites dominantes.

Como era de esperar-se, a montagem do ministério do novo governo está sendo feita sob muita pressão das diferentes forças políticas que apoiaram o impeachment de Collor. De um lado o PMDB e o PT, apoiados pelo PPS, abriram suas baterias para criticar com força os primeiros nomes indicados por Itamar Franco. De outro, o PFL e os grupos econômicos e financeiros do país lutam para conquistar espaços e influência no governo.

Antes mesmo da posse de Itamar Franco, os presidentes nacionais do PMDB, Orestes Quércia, do PSDB, Tasso Jereissati e do PT, Luis Inácio Lula da Silva, começaram uma disputa pelos postos mais importantes da administração federal. O PMDB, acenando com sua condição de maior partido do Congresso Nacional, reivindicava o direito de indicar o novo Ministro da Economia. O PSDB, o PT e o PPS, fazendo coro com os representantes das elites econômicas do país defendiam o nome do deputado José Serra, do PSDB paulista, apoiado pela Fiesp.

Na verdade, Serra não foi indicado para o cargo de Ministro da Economia simplesmente porque suas posições contrariavam a disposição de Itamar Franco de reaquecer a economia, interromper a recessão e desenvolver um sólido programa social. Numa conversa que teve com o novo presidente o deputado paulista defendeu a prioridade ao combate à inflação mesmo às custas da manutenção da recessão, pelo menos nos seis primeiros meses do novo governo. Itamar não concordou com isso e sepultou ali o sonho ministerial do tucano. Além disso, o novo presidente ficou assustado com a arrogância, a empáfia e a prepotência de Serra.

## Ministério eclético

Aproveitando o episódio, o PT bancou o porta-voz das elites dominantes do país, e criticou com força os nomes anunciados por Itamar, chegando mesmo a atingir o competente e sério senador Jamil Haddad, indicado para o Ministério da Saúde. Lula, numa declaração desastrosa e preconceituosa, comparou Haddad ao floclórico ponta-direita Cafuringa, dizendo que preferia a manu-



Itamar Franco

tenção do collarido Adib Jatene, a quem comparou ao genial Maradona.

Como suas críticas repercutiram negativamente entre as outras forças progressistas do país, o PT adotou uma posição oportunista de não participar do novo governo. Com essa atitude, o partido acredita que irá se preservar para 1994, quando, segundo a bola de cristal petista, Lula será o presidente da República. Já o PMDB, depois de um dia inteiro de reuniões, também encontrou uma curiosa saída. Como não conseguiu fazer o Ministro da Economia, o partido de Quércia decidiu que não reivindica cargos no governo, não indica ninguém para ocupá-los, mas libera seus quadros para aceitarem, em caráter pessoal, qualquer convite que lhes sejam feitos. Além disso, o PMDB afirmou que irá apoiar sistematicamente as medidas de Itamar no Congresso Nacional.

## Expectativa positiva

Com isso, o novo presidente ficou liberado para montar sua equipe de governo segundo seus critérios pessoais. Assim, o ministério até agora anunciado apresenta uma eclética composição que reflete o amplo leque de forças que lutaram pelo afastamento de Collor. Ao lado de nomes progressistas, como os de Maurício Correa, no Ministério da Justiça, Jamil Haddad, na Saúde, Walter Borelli, no Trabalho, Jutahy Magalhães Jr., no Bem Estar Social, entre outros, figuram políticos conservadores, como Alexandre Costa, na Integração Regional, Gustavo Krause, na Economia, Hugo Napoleão, presidente do PFL, nas Comunicações, mantendo o controle de Antonio Carlos Magalhães e Roberto Marinho sobre esse estratégico setor.

Na opinião do deputado Haroldo Lima, membro da direção nacional do PCdoB, apesar desse aspecto, a tendência geral do governo Itamar parece ser positiva. "A composição do ministério revela um eclétismo preocupante. No entanto,

as primeiras declarações do presidente Itamar Franco, condenando a falsa modernidade do governo Collor, não aceitando as pressões dos grupos econômicos e financeiros, são positivas. O rumo geral do novo governo nos parece correto. O importante, agora, é discutir os problemas concretos que devem ser enfrentados", afirmou o deputado comunista.

Nesse sentido, nos próximos dias, representantes da Frente Parlamentar Nacionalista serão recebidos em audiência pelo novo presidente para reivindicar a suspensão dos leilões de privatização de importantes empresas estatais, como a CSN e a Acesita, antecipados nos últimos dias do governo afastado e solicitar a revisão da dinâmica de todo o processo de privatização adotado no governo Collor.

"A procuradoria Geral da República constatou diversas irregularidades nas quinze privatizações realizadas pelo governo Collor e pretende anulá-las na justiça. Entre essas irregularidades está a utilização das chamadas "moedas podres", que permitiu que a Usiminas, a Celma, a Cosinor e a Alcalis fossem arrematadas por apenas US\$ 10 mil em moeda corrente. Esse é o maior crime cometido por Collor e sua quadrilha e não pode ficar impune. O processo de privatização precisa ser revisto pelo novo governo", argumenta Haroldo Lima. Na sua opinião, são igualmente preocupantes declarações do novo ministro do Planejamento, Paulo Haddad e do novo presidente do BNDES, Antonio de Barros Castro, segundo as quais esse processo será, na sua essência, mantido. "Vamos discutir esse assunto com o presidente Itamar", anunciou o deputado do PCdoB da Bahia.

Apesar dos grandes problemas que terá pela frente, o presidente Itamar Franco, até agora, tem demonstrado sua disposição de adotar um novo rumo na condução dos destinos do país. Repercutiu muito bem entre as forças políticas progressistas, seu discurso na posse dos novos ministros, quando atacou com força - a falsa modernidade do governo Collor. "Repilo, por criminoso e cruel, a modernidade que lhes nega a dignidade do pão, do alfabeto, do trabalho honrado, da saúde e da alegria", disse o novo presidente, completando: "Um país não pode ter a sua modernidade reclusa a setores de ostentação enquanto o resto do povo se aferra, todos os dias, com a fome, o desespero, a doença e a ofensa". Para quem estava submetido aos delírios arrogantes e subservientes da modernidade collarida, sem dúvida, é um bom começo.

BANCADA  
COMUNISTANereu lembra massacre  
de Sabra e Chatila

O presidente da Câmara Municipal de Pato Branco, atendendo proposição do vereador do PCdoB, Nereu Faustino Ceni, enviou correspondência ao chefe do Escritório de Representação da OLP, José Reinaldo Carvalho, expressando solidariedade à luta do povo palestino. Lembra o massacre de Sabra e Chatila, ocorrido no período de 17 a 24 de setembro de 1982. Os palestinos lá residentes sofrem ainda hoje as conseqüências desta atitude covarde e segregacionista. A manifestação lembra também outro ato contrário as liberdades democráticas, que é a prisão perpétua da brasileira Lâmia Maruf em Israel. "Queremos com esta manifestação ressaltar a necessidade de expressão de solidariedade entre os povos, bandeira legítima dos democratas", diz a correspondência.

Haroldo na  
Embaixada Chinesa

No dia 30 de setembro, acompanhado por João Amazonas, presidente nacional do PCdoB e pelo deputado Aldo Rebelo, líder do partido na Câmara, Haroldo Lima esteve presente na recepção oferecida pela embaixada da China em comemoração ao 43º aniversário de proclamação da República Popular da China.

Na oportunidade, em conversa com autoridades diplomáticas de diversos países interessados em saber a opinião do PCdoB sobre as perspectivas do Brasil pós-impeachment, Haroldo afirmou esperar mudanças positivas, embora não radicais, na política externa brasileira, particularmente nas posições frente à Cuba e ao povo Palestino, alvos preferenciais do imperialismo americano.

Jandira subscreve  
projeto

Está em tramitação na Câmara dos Deputados o Projeto de Lei da Informação Democrática do deputado Zaire Resende (PMDB-MG) e subscrito por vários parlamentares da Frente Democrática das Comunicações, entre eles a deputada Jandira Feghali (PCdoB-RJ). O projeto parte do princípio de que a comunicação é um direito da cidadania e, portanto, trata de matéria com um sentido estratégico: democratizar a comunicação é ampliar o exercício da democracia e da cidadania. Neste sentido, não se limita a reformular a atual Lei de Imprensa, mas toca em múltiplos aspectos da questão das comunicações - regionalização da produção, apoio à produção independente, proibição do monopólio, etc.

## Acesso a documentos

A deputada estadual Jussara Cony (PCdoB-RS) tem um projeto em tramitação que institui o acesso a documentos relativos à repressão política, resultantes do trabalho efetuado por órgãos vinculados ao Poder Público Estadual, com acesso, franqueado a qualquer pessoa, para leitura, cópia, anotações e atividades pertinentes à pesquisa em geral.

CDM  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois



# De Colombo à Bush o processo de c

CLÓVIS MOURA

Sociólogo e Escritor  
Presidente do IBEA

A Europa toda prepara-se festivamente para comemorar os quinhentos anos da Descoberta da América. Uma comemoração eufórica porque realiza-se no pique da vitória da contra-revolução mundial que estabeleceu novos mecanismos de dominação neocolonial, de neoescravidão e de exploração dos povos que foram vítimas do sistema colonial. Daí todo esse reboliço, esta ideologia triunfalista ao se registrar a data em que Colombo aportou em terras da América. Isto porque o processo de dominação, saque colonial e neocolonização formaram um circuito que se fecha agora ao entrarmos no segundo milênio.

A descoberta da América surgiu de uma série de circunstâncias históricas, tecnológicas e sociais que determinaram o estabelecimento do colonialismo, a mais sangrenta forma de dominação dos tempos modernos acobertada pelas palavras mágicas de que estava sendo feita para servir a Deus e à Cristandade. Esse objetivo ideológico de espanhóis, portugueses, holandeses, ingleses, franceses e outras nações "cristãs" e dominadores serviu como anteparo justificador para todos os crimes contra as populações nativas, a destruição das suas civilizações milenares e o extermínio dessas populações. O Deus e sua majestade eram os padrões que justificavam os crimes. Para que isto tivesse, posteriormente, uma criação científica, esse conjunto de saque e espoliação foi batizado de "processo civilizatório". Durante a Idade Média, já se havia forjado o conceito do *Orbis Christianus* segundo o qual o paganismo (paganismo significando não ter sido batizado pela Igreja Católica) era sinônimo de barbárie. Ou seja, eram *infiéis* e por isto podiam ser escravizados, para serem salvos, através do batismo, das penas do inferno. Houve muitas discussões teológicas para se saber se os infiéis deviam ser queimados, batizados ou escravizados depois de resgatados pelo batismo. E com isto a conquista estava legalizada no tribunal de Deus.

Então iniciou-se o massacre. De um lado, procura-se eliminar as populações autóctones para a ocupação do território, num genocídio que até hoje estremece mas foi assimilado pela nossa historiografia tradicional. De outro lado procurou-se o território africano para caçar homens a fim de trazê-los como escravos para que ocupassem os vazios demográficos criados pela hecatombe. E o negro passa a ser o tipo de trabalhador que nas Antilhas, na América Central, no Peru, na Colômbia, na Venezuela, em Cuba, no Brasil e nas Guianas construiu tudo aquilo que os brancos "por Deus e pelo Rei" levaram para a acumulação capitalista na Europa.

Cabe destacar, porém, que a aventura do colonialismo clássico não nasce

daquela parte mais evoluída da Europa e que já havia iniciado o surto do capitalismo, mas das regiões mais atrasadas, fossilizadas no obscuritanismo clerical e feudal: a Espanha e Portugal. A parte avançada da Europa se beneficiará, isto sim, com a transferência desse processo de exploração dos países ibéricos atrasados, criando os mecanismos para aquilo que se convencionou chamar de Revolução Industrial.

Mas, voltando ao fulcro da nossa análise: a descoberta da América irá se constituir, da forma como foi executada, no maior elenco de crimes étnicos, sociais, políticos e biológicos da história moderna.

## Maiores crimes da história moderna

Explicamo-nos: Todo esse movimento realizado em nome do Rei e de Deus, designava-se como o portador da missão de conduzir a civilização (a fé) aos infiéis (gentios). No entanto o que deveria ser um "processo civilizatório" como esse conjunto de fatos ficou sendo conhecido inclusive entre os cientistas sociais tradicionais. Deveria ser um processo somatório, isto é, um processo capaz de avaliar e somar aqueles padrões culturais milenares das culturas conquistadas e juntá-las àquilo que a Europa estava trazendo e, ao mesmo tempo, assimilar esses valores e incorporá-los a cultura européia que chegava àqueles territórios. Mas, não foi isto o que aconteceu. Os europeus vinham com uma filosofia de conquistar e não de civilizar. Os indígenas deviam assim aceitar não apenas a religião mas também a sujeição. O papa faz doação, por poder divino, aos reis de Castela. A isto os habitantes da região do rio Sinu responderam que "o papa devia estar embriagado quando fez isso, pois deu uma coisa que não lhe pertencia, e o rei de Castela, que solicitava essa doação, não devia regular do juízo, pois pedira uma coisa que era de outrem." A chacina tem início. Pizarro, como Cortez fizera, no México, preparou uma emboscada e ocultou 30.000 homens de que dispunha em seus edifícios, assentou a artilharia contra a praça principal do seu reduto. Isto depois de haver convencido Atualpa para ser homenageado. O imperador incaico pretendia deter-se no caminho, ao entardecer, para entrar em San Miguel no dia seguinte. Pizarro induziu-o a prosseguir a marcha. O chefe incaico estranhou não ver os soldados de Pizarro. Vicente Valverde, frade, dominicano, aproximou-se de Atualpa, com um crucifixo em uma das mãos e um breviário na outra. Pretendeu dar explicações ao Imperador dos Incas, procurando convencê-lo de submeter-se, reconhecendo-se vassalo de Carlos V, a quem o Papa concedeu o título de propriedade de todo o território incaico. Atualpa que não entendia o que o frade dizia exasperou-se, apenas intuiu que o queriam escravizar. O frade sugeriu a Pizarro o extermínio dos incas. Foram



Os espanhóis destroem os ídolos astecas

massacrados. Houve quem estimasse em 10.000 mortos o total de vítimas dos espanhóis.

## "Processo civilizatório" despovoou a América

O "processo civilizatório" despovoou a América. Os índios, depois de terem destruídos os seus impérios como dos Astecas, Maias e Incas, se transformam em semi-servos que acompanham os senhores de terras, os padres e os prepostos do rei no trabalho forçado. Isto porém não é suficiente. Mandam buscar negros da África para cobrirem os claros que a mortalidade indígena abria nos quadros demográficos da América. Milhões de africanos - até hoje todas as estatísticas são incompletas, pois sonegam o contrabando - entraram para dinamizar o "processo civilizatório" europeu cristão-capitalista. Ao lado do índio na servidão das encomendas e das mitas na América espanhola, a escravidão pura e simples continua a ser o modo de produção fundamental na América Portuguesa. Aqui o índio é destruído e pouco aproveitado como mão de obra. Ao se estabelecer uma economia agrária,

o fundamental era a posse da terra com a morte do seu legítimo dono para depois povoá-la com outro tipo de trabalhador. A escravidão, direta ou disfarçada passou a ser imposta pelos descobridores, os homens da cultura e da fé, diante dos antigos donos das terras. A escravidão negra nas Américas que é um fruto direto do descobrimento, confisca milhões de africanos que são espalhados pela chamada América Negra, como instrumento de trabalho. O tráfico repõe diariamente os déficits demográficos decorrentes da morte dessas populações. E nas áreas da chamada América indígena as populações nativas vão sendo escravizadas ou dizimadas. Segundo um economista pouco citado, Olímpio Guilherme "Os índios eram submetidos a mais severas das escravidões, dos 18 aos 50 anos. Como não tinham certidão de idade, ainda meninos eram forçados aos mais torturantes trabalhos nas minas e o limite máximo de idade ia muito além do previsto. (...) O índio recebia pelo trabalho no fundo da mina, quatro réis, dos quais paga um terço ao amo, pela comida que come, a custa do álcool e a outros pretextos tomam-lhe o restante. até que, endividado, não pode mais livrar-

Col

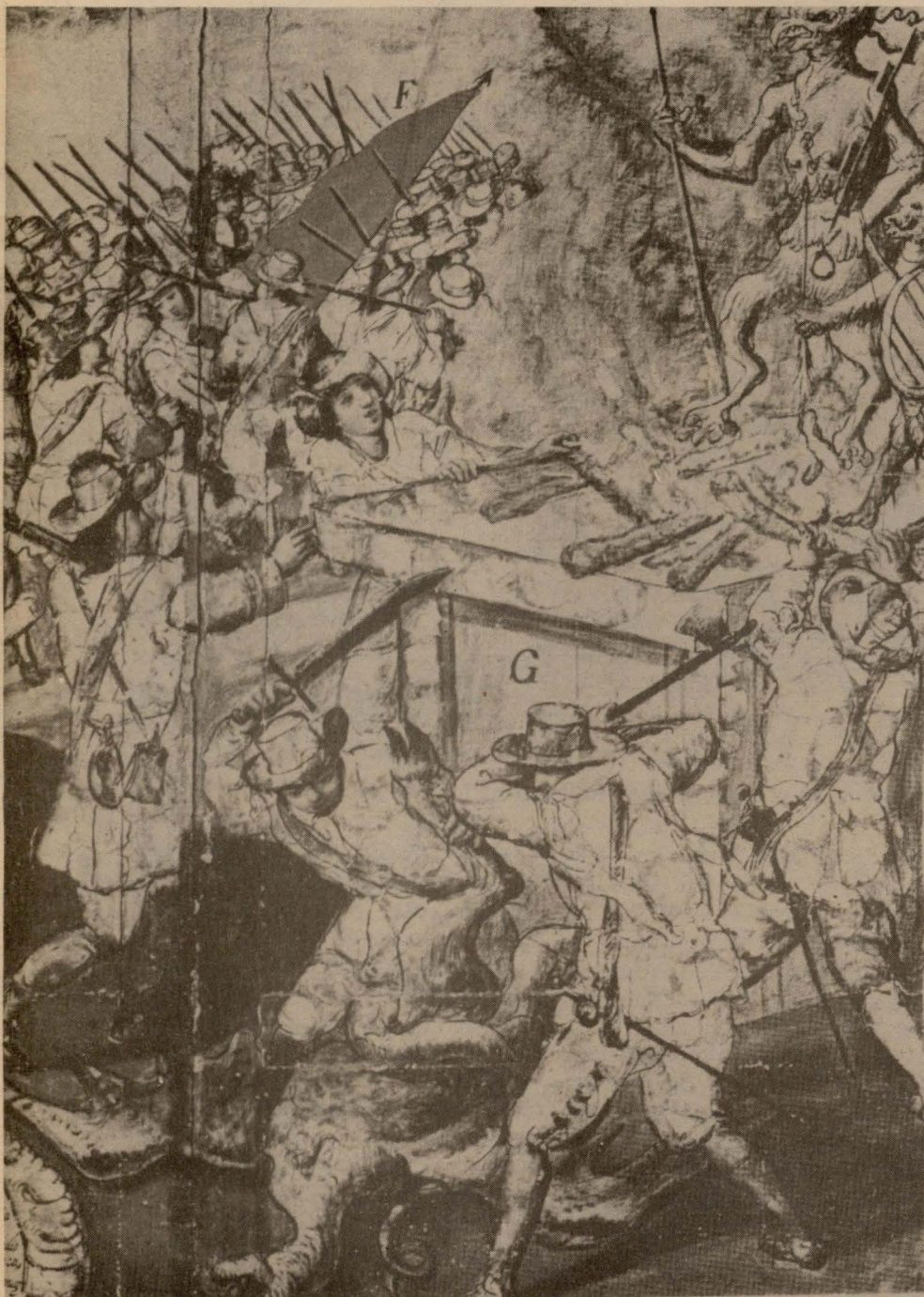
se c  
que  
um  
reg  
no  
em  
vid  
de  
mi  
do  
Pe  
qu

da  
Hi  
hal  
res  
tru  
ju  
nã  
es  
mi  
até  
me  
ma  
reg  
qu  
Ti  
ín



HISTÓRIA

# e colonização moderniza-se



Colonizadores tentaram dizimar os povos da América

se da mineração. De cada leva de índios que parte para as minas, volta apenas uma quinta parte ao fim dos seis meses regulamentares. No distrito de Zamora, no Equador, onde trabalham 8.000 índios em 1535 a 1592 só 500 escapam com vida. No Peru e no México, só as minas de prata produziram até 1.803, 4.851 milhões de pesos. O pó de ouro extraído do México e do Peru, do Alto Peru e de Nova Granada chegou a 10.418 quilos e o de prata 795.518 quilos.

A essa produção junta-se a mortalidade do trabalhador indígena.

Ao ser a América descoberta a ilha Hispanhola teria mais de um milhão de habitantes. Vinte e dois anos depois restavam apenas 13.000. Além da destruição genocídica dos "civilizadores" juntam-se as epidemias, pois os índios não estavam acostumados ao trabalho escravo, a trabalharem no fundo das minas com uma jornada de trabalho de até 18 horas. Surge a varíola, que os mexicanos chamavam de *hueg* e que mata cerca de metade dos índios na região cahuatl. Depois vem o sarampo que devastou em 1545 somente em Tiacala e Chouluta mais de 250.000 índios."

Era a Europa civilizando os "selvagens". Essa população toda ou foi destruída biologicamente ou inferiorizada etnicamente com o nome de mestiços, crioulos, chicanos para que o homem branco empunhasse o bastão de dominador. O sistema colonial se estabelecia transformando as populações nativas em massa de trabalho escravizada ou semi-escravizada, nas mesmas proporções em que o europeu capitalista impunha a sua superioridade econômica e étnica, como dominador do mundo economicamente explorável e subordinável na sua época.

O sistema colonial começou com o domínio da geografia através da navegação, da pólvora e de técnicas de dominação cultural contra povos livres e comunitários que supunham o seu tipo de viver estável e permanente.

Foram destruídos e/ou dominados. Suas culturas arrazadas, seus deuses cospurcados, suas mulheres violentadas e estabeleceu-se, em cima desse genocídio cultural, político e sexual a **modernidade** do sistema capitalista de dominação dos povos que passaram a ser povos colonizados.

## Quinhentos anos depois, a dominação continua

Quinhentos anos depois, na época do imperialismo, o sistema colonial transforma-se em um sistema planetário de dominação. As antigas caravelas são substituídas pelos porta-aviões e aviões a jato que atacam e destroem civilizações milenares como aconteceu recentemente com o Iraque. Cortez é substituído por Bush. As Nações Unidas transformam-se na "Santa Aliança" do final do século XX. Os povos não-brancos volta a ser recolonizados através do neocolonialismo rebatizado de **modernidade**. A Líbia é atacada pelos Estados Unidos num ato de terrorismo do Estado em nome da democracia para assassinar o presidente Kadafi. Granada é invadida e a sua população massacrada invocando-se o mesmo princípio. O Panamá é invadido, seu presidente seqüestrado e julgado no tribunal do Santo Ofício dos Estados Unidos e o Iraque é praticamente destruído por uma conjunção de forças do imperialismo acobertada pelo manto inconsútil da ONU. Tudo isto é feito pelos mesmos povos que destruíram as civilizações dos Astecas, dos Maias, dos Incas, massacraram as populações indígenas do Brasil e reiniciam a escalada de dominação quinhentos anos após o seu início.

Desde que Colombo chegou à América, em nome de DEUS e do Rei iniciou-se o maior massacre e a maior pilhagem da história moderna. Para colonizarem a América foram buscar na África milhões de seres humanos escravizados. Colocaram sob regime de trabalho forçado milhões de indígenas e africanos trazidos para a América.

Depois dominaram pela força todos aqueles povos que desejavam a independência. Transformaram as Américas em um vasto campo de pilhagem dos seus interesses. Tomaram metade do território mexicano numa das guerras mais sujas do mundo. Ocuparam praticamente a América Central. E depois de tudo isto apregoam aos quatro ventos um carnaval comemorativo como se tivéssemos de agradecer a nossa própria escravização. O processo da exploração colonial que começou efetivamente com a descoberta da América tem a sua continuação atualmente com a política de dominação contra-revolucionária que se implantou, numa desavergonhada forma de exploração neocolonial travestida de **modernidade**, sendo que nessa **modernidade** os privilégios ficam com os antigos colonizadores e o trabalho forçado, o trabalho sem remuneração digna, as formas ferozes de exploração continuam sendo o quinhão dos colonizados, numa divisão do trabalho que repete hoje os crimes de Pizarro e de Cortez contra os povos revoltados das Américas.

## CULTURA

### Na trilha da América

CARLOS POMPE

Os 500 anos da chegada de Cristóvão Colombo à América desencadeou um rico processo de revisão histórica. Pesquisadores, historiadores, sociólogos, antropólogos, artistas, enfim uma gama variada de intelectuais volta-se para o tema. Naturalmente, tudo seguido (às vezes, guiado mesmo) por objetivos comerciais. É um tema de moda. Caberá ao tempo decantar o que de fato contribui para um conhecimento maior do episódio, do que é apenas oportunismo comercial.

Na literatura, além dos inúmeros diários de viagem da época dos descobrimentos e textos com uma nova abordagem histórica dos episódios, um romance se sobressai como produção de alta qualidade: **Maluco**, do uruguaio Ponce de León (Editora Companhia das Letras). Não trata do descobrimento da América, mas da viagem de Fernão de Magalhães, que realizou a primeira volta ao mundo, entre 1519 e 1522. Um retrato vivo e criativo da época, escrito com talento, e que valeu ao autor o prêmio Casa de las Américas, de Cuba, em 1989. Há que fazer referência e reverência, igualmente, a trilogia **Memória do Fogo**, de outro uruguaio, Eduardo Galeano, uma rica seleção de textos produzidos no continente ao longo da história, relatando os contatos entre os nativos e os estrangeiros que por aqui aportaram.

No cinema, **Imagem em Movimento**, que mais rapidamente capta recursos, a primeira obra do ano foi mero oportunismo comercial: **Cristóvão Colombo - A Aventura do Descobrimto**, de John Glen. Aliás, oportunismo mal sucedido: fracasso nos EUA e também no Brasil. Fracasso tão grande que chegou a ameaçar o lançamento, neste dia 12, de **1492 - A Conquista do Paraíso - Cristóvão Colombo**. Este, dirigido por Ridley Scott e com Gérard Depardieu e Sigourney Weaver nos papéis principais, é uma grande promessa. Ridley-Scott tem a seu favor realizações consagradas, como **Blade Runner** e o mais recente **Thelma e Louise**. Vários anos antes, o descobridor da América já havia sido personagem de filme. **Colombo**, feito para a TV, lançado também em vídeo, pelo diretor italiano Alberto Lattuada - prestigioso diretor desde a época do neo-realismo. Este filme estava programado para passar em capítulo, na Rede Bandeirantes, durante a semana.

Já entre os historiadores, a revisão histórica parece não ter alcançado o devido distanciamento. **The Conquest of Paradise**, do americano Kirkpatrick Sale, mostra um Colombo atabalhoado, feroz, impiedoso. Outro americano, Russel Means, chega a comparar Colombo com Hitler, que "não passaria de um delinquente juvenil" perto do descobridor. Visão antagônica, portanto, à do nobre navegador que, a serviço dos "reis católicos da Espanha", veio salvar os nativos da perdição pagã, como martelam os livros escolares.

No caso, será sempre fonte imprescindível o **Diário da Descoberta da América**, do próprio Colombo, editado pela LP&M, para conhecer a visão em primeira pessoa do descobridor - que, por sinal, não sabia sequer que estava descobrindo a América quando aqui aportou. Para ele, a descoberta foi um verdadeiro "ovo de Colombo" não resolvido.



## MOVIMENTOS

## Polícia promove chacina em SP

GUIOMAR PRATES

"São mais de 246 mortos, 28 estão entre a vida e a morte e 71 ninguém sabe o que aconteceu". Este foi o relato do padre Guilherme Sheehan, da Pastoral Carcerária, na reunião de entidades de direitos humanos, realizada na sede da Ordem dos Advogados do Brasil, em São Paulo. Ele se referia ao resultado da chacina patrocinada pela polícia no presídio do Carandiru na tarde de sexta-feira, véspera da eleição. O número de mortos só foi divulgado pelo governo do Estado um pouco antes de serem fechadas as urnas, no dia seguinte ao massacre. Os presos sobreviventes e as entidades discordam de que o número de mortos seja de 111, conforme os dados oficiais.

O massacre que comoveu a opinião pública, teve repercussão nacional e internacional. No dia 7 de outubro estiveram em São Paulo o ministro da Justiça, Maurício Correa, o procurador geral da República, Aristides Junqueira, o presidente da OAB, Marcelo Lavenère e o representante da Associação Brasileira de Imprensa, Carlos Chagas. Como membros do Conselho Nacional dos Direitos Humanos, eles ouviram os relatos sobre o que foi a chacina. (veja box)

Estão também no Brasil representantes da Anistia Internacional e do Comitê Consultivo de Prisões da organização norte-americana Americas Watch. Eles vão acompanhar de perto as investigações.

**Matança indiscriminada**

Foi o maior massacre já realizado no sistema carcerário brasileiro. Uma richa entre dois presos foi a desculpa para a invasão de 500 homens do COE (Comandos e Operações Especiais) Rota (Rondas Ostensivas Tobias de Aguiar) e Gate (Grupo de Ações Táticas Especiais) na Casa de Detenção. "Um verdadeiro assassinato em massa", conta Tânia Rodrigues, após visitar o marido que conseguiu sobreviver "porque teve a idéia de tirar a roupa e deitar entre os cadáveres. Ele está traumatizado e repete a

toda hora que nem no Golfo Pérsico o massacre foi tão grande".

Depois de controlarem o tumulto, que normalmente é resolvido com corte de luz e alimentação, os policiais entraram nas celas e fuzilaram indiscriminadamente. Os presos que continuaram vivos foram obrigados a carregar os mortos para o andar de baixo. Depois de feito o serviço, eram metralhados. Muitos foram encontrados com as mãos acima da cabeça, sinal universal de rendição. Outros, tiveram os testículos arrancados pelos cães, adestrados para atacar o inimigo da cintura para cima.

**Réus primários**

A versão da polícia diz que os presos estavam armados. Treze revólveres teriam sido encontrados à noite, pela PM. Os presos e as entidades contestam, porque não havia reféns, os policiais não ficaram feridos e o número de mortos é muito maior do que o de feridos, o que prova a matança indiscriminada e premeditada.

Quando chegou à reunião, Augusta Nunes tinha acabado de enterrar o filho, de 20 anos, que estava preso há quatro meses por furtar uma camiseta. "Ainda nem tinha sido comprovado o roubo", diz desconsolada. "Se meu filho tivesse emprego, não teria roubado. Não adianta construir cadeias, tem que dar é emprego que o povo não rouba".

"O que mais me chocou foi a forma como o batalhão de choque saiu lá de dentro, às 4 da manhã. Os policiais tirando sarro da cara dos familiares que queriam saber notícias dos presos", diz Samuel, irmão de um dos



ARQUIVO

Os mortos no IML, expõem as marcas da violência utilizada na invasão pela PM.

sobreviventes. "Meu irmão teve que descer pelado, rastejando, passando por cima de cadáveres, sem olhar os policiais, os que olhavam morriam".

A chacina ocorreu no pavilhão 9 da Casa de Detenção, onde ficam mais de três mil presos, todos réus primários. Com as celas superlotadas, lá funciona a lei do cão. Se o preso não tiver como pagar propina aos guardas, pode ficar sem comida. Se tiver entre 20 e 30 maços de cigarro, poderá ver seu processo andar mais rápido. Como a maioria dos presos é pobre, torna-se comum terem as penas vencidas sem que sejam libertados.

**Comissão de inquérito**

Em contraste com a repercussão nacional e internacional do fato, a bancada governista na Assembléia Legislativa de São Paulo dificultava (até quarta-feira à noite, data de fechamento desta edição) a instalação de uma

Comissão Especial de Inquérito, proposta pelo deputado Jamil Murad (PCdoB), com a finalidade de apurar a responsabilidade pelo ocorrido. As entidades de direitos humanos e da sociedade civil, através de um abaixo-assinado, exigem a instalação da CEI.

A pressão da sociedade organizada resultou nas demissões do diretor do presídio, dos coronéis que comandaram a operação e do secretário de segurança pública, Pedro Franco de Campos. O governador Fleury anunciou a criação de uma Secretaria Especial para Assuntos Penitenciários. Tenta responder, assim, as críticas que recebe desde que assumiu o governo, por ter transferido o sistema carcerário da Secretaria da Justiça para a Secretaria de Segurança Pública, colocando a polícia que prende como responsável pela "recuperação" dos encarcerados.

**A marca da truculência**

A chacina do Carandiru não é um fato isolado ou casual. Faz parte da política de extermínio adotada como filosofia pela polícia paulista. É a máxima de acabar com os pobres, matando-os. A pena de morte, conforme denuncia Caco Barcellos, em seu livro "Rota 66, a polícia que mata", está institucionalizada. Fruto de um trabalho de sete anos, o livro de Barcellos afirma que 65%, de 3.523 pessoas mortas em ação da PM tinha ficha limpa. E, entre os que possuíam passagem por delegacias e prisões, menos de 1% havia cometido latrocínio ou estupro.

Por ter publicado o livro, Caco Barcellos está ameaçado de morte. No dia 7 de outubro, os estúdios de rádio CBN foram interceptados por rádios da polícia militar e os policiais avisaram ao repórter de que ele está marcado para morrer.

**Contraste entre civilização e barbárie**

Há um contraste muito grande entre a lição de civilidade dada pelo povo brasileiro ao derrubar um presidente envolvido em corrupção e as cenas de barbárie do massacre do Carandiru, o que mostra que muita resistência vai ser encontrada até que seja mudada a cara do Brasil.

Para o novo ministro da Justiça, Maurício Correa, "a partir do momento em que uma nova cultura se dissemina depois dos episódios que levaram ao impeachment, o governo que se instala não pode se omitir nesse momento. Em nome do presidente Itamar Franco temos o propósito de cumprir nosso dever com severidade e dar uma resposta ao mundo, que nos cobra por esse episódio lamentável", afirmou o Ministro.

Para o presidente da OAB, Marcelo Lavenère, é necessário apurar as causas que levaram ao massacre, punir os culpados e introduzir modificações no sistema carcerário, além de criar uma nova mentalidade na polícia militar.

O deputado federal Helio Bicudo diz que este nada mais é do que um problema decorrente da forma como atua a polícia militar e das péssimas condições das penitenciárias. "A cada visita aos presídios, verificamos uma deterioração maior".

Por outro lado, a polícia exibe um poder paralelo ao poder do Estado, dificultando o controle das autoridades, como os governadores que, em última instância, são os responsáveis pelo que faz a polícia.

Para o presidente da OAB/SP, José Roberto Batocchio, o afastamento do Secretário de Segurança não cessa o trabalho das entidades de direitos humanos, que é de mudar a filosofia da PM, que institucionalizou a violência. "A origem da criminalidade se situa na infra-estrutura social e precisamos denunciar os políticos demagogos que descobriram na defesa do policiamento ostensivo um filão eleitoral. Eles também são responsáveis por este massacre, pois essas idéias ecoam na cabeça dos policiais mal preparados, criam campo fértil para o comportamento desumano que tiveram os coronéis que comandaram a operação no Carandiru".



# ELEIÇÃO

## Vereadores do PCdoB

<b>ACRE</b> Rio Branco Tarauacá	<b>Marcos Afonso</b> <b>Moisés Diniz</b> <b>Batista</b>	<b>MATO GROSSO</b> Barra do Garça	<b>Zózimo</b>
<b>ALAGOAS</b> Maceió	<b>Eduardo Bomfim</b>	<b>PARÁ</b> Terra Alta	<b>Francisco Amaral</b>
<b>AMAZONAS</b> Manaus Tefé	<b>Vanessa Grassiotin</b> <b>Eliezio Moura</b>	<b>PARANÁ</b> Pato Branco	<b>Ceni</b>
<b>BAHIA</b> Salvador Brumado Caetitê Canavieiras Guanambi Itabuna	<b>Javier Alfaia</b> <b>Edio</b> <b>Francisco</b> <b>Denise</b> <b>Paulo</b> <b>Edson</b> <b>Davidson</b> <b>Leonicio</b>	<b>RIO DE JANEIRO</b> Rio de Janeiro	<b>Edson Santos</b>
<b>CEARÁ</b> Fortaleza Aracati	<b>Lopes</b> <b>Carlos Tinoco</b>	<b>SÃO PAULO</b> São Paulo	<b>Vital Nolasco</b> <b>Ana Martins</b> <b>Sergio Benassi</b> <b>Delcídes Cameli</b> <b>Hélio Cândido</b> <b>Majô (Maria José Jandreice)</b> <b>Sidney Gobertt</b> <b>João Bosco</b>
<b>ESPÍRITO SANTO</b> Vitória Cachoeiro do Itapemirim Muqui	<b>Namy Chequer</b> <b>Almir Forte</b> <b>Luiz Carlos</b> <b>Domingos Maragoni</b>	<b>RIO GRANDE DO SUL</b> Porto Alegre Rio Grande Pelotas Santa Maria	<b>Maria do Rosário</b> <b>Júlio Martins</b> <b>Luiz Carlos Matozzo</b> <b>Maria Gessi</b>
<b>GOIÁS</b> Goiânia Anápolis	<b>Aldo Arantes</b> <b>Egmar José</b>	<b>SERGIPE</b> Aracaju General Mainard	<b>Edvaldo Monteiro</b> <b>Arnando</b>
<b>MINAS GERAIS</b> Belo Horizonte Juiz de Fora Uberlândia Montes Claros Capelinha	<b>Sergio Miranda</b> <b>Paulo Rogério</b> <b>Liza</b> <b>Eurípides Lipa</b> <b>Rita Figueiredo</b>		

Obs.: Até o fechamento desta edição ainda não tinha sido concluída a apuração em alguns estados. Alguns candidatos ainda estavam na disputa como Daniel Almeida, em Salvador; Salles, em Manaus e Marcos Kovarik, em São Luiz, dentre outros. Em Boa Vista, Roraima, as eleições foram suspensas pelo Tribunal Eleitoral.

## A marca do Fora Collor nas urnas

ANA MARIA ROCHA

O resultado das eleições de 3 de outubro refletiu a indignação do povo com o governo Collor. Sobretudo no que diz respeito às prefeituras das capitais venceram os candidatos identificados com a luta pró-impeachment de Collor. Antônio Carlos Magalhães, o sustentáculo número um do antigo governo viu seu candidato perder terreno e ter de disputar no 2º turno à prefeitura de Salvador. Brizola saiu chamuscado, obrigado a amargar a maior zebra das eleições, que foi deixar para o PT e o PMDB a disputa da prefeitura do Rio de Janeiro no 2º turno. Também perdeu base em outro grande reduto: Porto Alegre, onde o 2º turno ficou para ser disputado entre PT e PMDB.

Embora seja evidente a vitória das forças que contribuíram para concretizar o "Fora Collor", definições importantes ficaram para o 2º turno, como é o caso de São Paulo. Aí vai ser dura a batalha para que Eduardo Suplicy venha a derrotar Maluf. O PT perdeu terreno em redutos operários como o ABC paulista e na grande Belo Horizonte, mas disputa no 2º turno prefeituras importantes como a de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre. O maior espaço do PMDB continua sendo o interior, embora também dispute a prefeitura de capitais importantes no 2º turno (vide box). O PMDB ganhou em 268 prefeituras de um total de 624 cidades do interior paulista.

O PCdoB, que concentrou seus esforços em ampliar sua bancada de vereadores, alcançou alguns resultados favoráveis, embora não se tenha o resultado definitivo de toda a apuração de votos (vide box). Conseguiu eleger vereadores em quase todas as capitais do país, alguns deles com expressiva votação como foi o caso de Sergio Miranda em Belo Horizonte, Aldo Arantes em Goiânia, Eduardo Bomfim em Maceió e Edson Santos no Rio de Janeiro. Um número considerável de sindicalistas foram eleitos, sobretudo em São Paulo e na Bahia.

Destaque especial ficou para as mulheres comunistas, que surpreenderam a expectativa de votação. Em Porto Alegre, a jovem sindicalista Maria do Rosário foi a 4ª mais votada da coligação. Em Manaus, Vanessa Grazziotin também foi uma das mais votadas da cidade, num evidente reconhecimento de seu trabalho como vereadora de luta. Ana Martins, liderança popular da zona Leste de São Paulo, conhecida por sua atuação no Movimento Contra a Cestaria, superou as expectativas de voto, ficando em 6º lugar entre os quinze eleitos pela coligação que o PCdoB integrou. Outra surpresa feminina foi a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Capelinha/MG, Rita Figueiredo. Aí o PCdoB disputou sozinho, sem coligação, e Rita conseguiu o número de votos suficientes não só para se eleger como para mais dois outros vereadores.

Mas o PCdoB não conseguiu vitória na disputa para a prefeitura de Belém/PA, Mogi-Guaçu/SP e Caxias do Sul/RS. Uma avaliação mais completa das eleições de 3 de outubro e do desempenho do PCdoB será feita na reunião da sua Direção Nacional nos dias 15, 16 e 17 de novembro, quando os trabalhos serão em mãos o resultado definitivo das apurações.

## Prefeitos nas capitais

12 cidades já conhecem seus futuros administradores

### PREFEITOS ELEITOS

Aracaju (SE)	<b>Jackson Barreto (PDT)</b>
Cuiabá (MT)	<b>Dante de Oliveira (PDT)</b>
Curitiba (PR)	<b>Rafael Greca (PDT)</b>
Florianópolis (SC)	<b>Sérgio Grando (PPS)</b>
Fortaleza (CE)	<b>Antonio Cambraia (PMDB)</b>
Macapá (AP)	<b>João Bosco Papaléo (PSDB)</b>
Palmas (TO)	<b>Eduardo Siqueira Campos (PDC)</b>
Porto Velho (RO)	<b>José Vieira Guedes (PSDB)</b>
Recife (PE)	<b>Jarbas Vasconcelos (PMDB)</b>
Rio Branco (AC)	<b>Jorge Viana (PT)</b>
Teresina (PI)	<b>Raimundo Wall Ferraz (PSDB)</b>
Vitória (ES)	<b>Paulo Hartung (PSDB)</b>

### SEGUNDO TURNO INDEFINIDO

Belém (PA)	<b>Hélio Gueiros (PFL)</b> <b>Cipriano Sabino (PDS)</b>
Maceió (AL)	<b>Ronaldo Lessa (PSB)</b> <b>José Bernardes (PFL)</b> <b>Teotônio Villela (PSDB)</b>

Obs.: As eleições em Boa Vista (RR) foram suspensas pelo Tribunal Superior Eleitoral.

### SEGUNDO TURNO

Belo Horizonte (MG)	<b>Patrus Ananias (PT)</b> <b>Maurício Campos (PL)</b>
Campo Grande (MS)	<b>Juvêncio C. da Fonseca (PMDB)</b> <b>Marilu Guimarães (PFL)</b>
Goiânia (GO)	<b>Darci Accorsi (PT)</b> <b>Sandro Mabel (PMDB)</b>
João Pessoa (PB)	<b>Francisco Xavier M. França (PDT)</b> <b>Francisco Lopes da Silva (PT)</b>
Manaus (AM)	<b>Amazonino Mendes (PDC)</b> <b>José Dutra (PMDB)</b>
Natal (RN)	<b>Henrique Alves (PMDB)</b> <b>Aldo Tinoco Filho (PSB)</b>
Porto Alegre (RS)	<b>Tarso Genro (PT)</b> <b>César Schirmer (PMDB)</b>
Rio de Janeiro (RJ)	<b>Benedita da Silva (PT)</b> <b>César Maia (PMDB)</b>
Salvador (BA)	<b>Lídice da Mata (PSDB)</b> <b>Manoel Castro (PFL)</b>
São Luís (MA)	<b>Conceição Andrade (PSB)</b> <b>João Alberto de Souza (PFL)</b>
São Paulo (SP)	<b>Paulo Maluf (PDS)</b> <b>Eduardo Suplicy (PT)</b>

CDU  
Centro de Documentação e Memória  
Fundação Maurício Grabois



## Iraque reage à ameaça imperialista

O governo do Iraque está denunciando um sinistro plano colonialista - liderado pelos Estados Unidos, Inglaterra e França - para criar um novo foco de distúrbios e sabotagens no sul do Iraque, como foi feito no ano passado, na segunda fase da guerra imperialista de agressão, quando foi transformada, esta região numa área aberta para os tumultos das forças estrangeiras e de bandidos e assassinos, dentro do plano colonialista de dividir o Iraque e restaurar, naquela região, o antigo regime colonialista.

A denúncia do governo iraquiano foi feita após reunião do presidente Saddam Hussein, com o governo e a liderança iraquiana do Partido Baath Árabe Socialista para analisar a absurda intervenção imperialista no Iraque "proibindo" vôos acima do paralelo 36 (norte) e abaixo do paralelo 32 (sul), o que na prática é uma tentativa de esquarterar o país de Saddam Hussein. Outra investida foi a autorização do Conselho de Segurança da ONU para o confisco e pilhagem de bens espalhados em todo o mundo. Ao reagir contra a ameaça imperialista - com o discreto apoio do Irã - para dividir o país, o Governo de Bagdá afirmou que "o povo iraquiano, do norte ao sul passando pelo meio, está unido em torno de sua liderança nacional experimentada durante um quarto de século e rejeita a tutela e o plano colonialista e sionista de divisão".

## Japão prepara bomba A

O Japão tem capacidade para fabricar 3 mil bombas atômicas semelhantes às usadas pelos Estados Unidos contra a cidade japonesa de Nagasaki, a 9 de agosto de 1945 e que ocasionou a rendição incondicional do império de Tóquio na II Guerra Mundial. A denúncia é do Instituto de Estudos Internacionais da República Popular Democrática da Coreia (Coreia do Norte) em documento divulgado recentemente em Pyongyang. O documento faz um relato da evolução da política nuclear, com fins bélicos, do Japão desde o fim da II Guerra, com apoio de outras potências capitalistas. Há no Japão 10 centrais atômicas, um supergerador, uma fábrica de enriquecimento de urânio - que serve para tornar o urânio útil para a construção da bomba atômica. Segundo o Instituto da Coreia do Norte, desde o início deste ano, o Japão desenvolve um plano para conseguir 400 toneladas de plutônio, que se acrescentariam às 26 toneladas já existentes.

## Kroll não apurou tudo

A Executive Intelligence Review, publicação norte-americana vem denunciando que a empresa Kroll Associates, contratada para apurar as ligações internacionais do esquema PC Farias, interrompeu de forma suspeita suas investigações. A Kroll é ligada aos serviços secretos dos EUA (CIA) bem como ao MI-5 britânico e ao Mossad israelense. É conhecida como a CIA de Wall Syreet. Seu principal executivo Jules Kroll é sócio de Kenneth Bialkin, conhecido advogado de narcotraficantes. São também clientes da Kroll o Credit Suisse First Boston Corporation, que preparou o plano básico de privatização das estatais brasileiras, e o Republic National Bank de Edmond Safra.

A Kroll é ainda ligada à Anti-Difamation League (ADL) cujo principal financiador é Edgard Bronfman, pessoa com quem Collor se avistou numa de suas viagens aos EUA possivelmente para saldar dívidas de campanha. Segundo a publicação americana, Bronfman, Safra e Bialkin são figuras de alto escalão na hierarquia do crime organizado internacional que envolve lavagem de dinheiro do narcotráfico e tráfico de armas. Com tudo isso a Kroll estaria totalmente desqualificada para apurar o esquema PC Farias/Collor no exterior.

# INTERNACIONAL

## Honecker preso na Alemanha

*O ex-dirigente do Partido Socialista Unificado da Alemanha e da República Democrática da Alemanha, Erich Honecker encontra-se preso, depois de ter sido extraditado da Rússia pelo governo de Boris Yeltsin, numa clara violação do direito de asilo. Desde novembro de 1991, quando foi emitida a ordem de expulsão pelo governo russo, Honecker encontrava-se asilado na embaixada chilena em Moscou. Desde então, o governo de Yeltsin negou-lhe sistematicamente o visto de saída para que pudesse ir para um país de sua escolha, por exemplo a Coreia do Norte, cujo governo prontificou-se oficialmente a receber o líder comunista alemão. Abaixo publicamos extratos de uma carta escrita por Honecker quando ainda se encontrava na Rússia; pouco antes de ser entregue por Boris Yeltsin aos revanchistas alemães.*



Erich Honecker

"É desprovida de qualquer fundamento jurídico ou político a exigência de extradição para a República Federal da Alemanha formulada pelo governo alemão contra mim, que fui presidente da República Democrática da Alemanha e subscritor do Tratado de Helsinque. A pretensão do governo Kohl, apresentada aos governos da Rússia e do Chile, tem o objetivo de colocar, contra o direito e a lei, na condição de acusados, a República Democrática da Alemanha, toda a sua organização estatal e social, todos os seus dirigentes políticos e militares, e enquadrá-los num chamado "regime ilegal".

"Quando, nos anos de 1976 até outubro de 1989, exercia as atividades de presidente da RDA, então um Estado soberano, internacionalmente reconhecido em tratados legais, e expressamente reconhecido como um Estado soberano pela RFA, que era um membro da ONU, não se cogitava, muito menos os membros da direção política e militar da RDA, em sermos tratados como criminosos pelo governo da RFA..."

"É espantoso que políticos da RFA que, durante o tempo que fui o presidente do Conselho de Estado, mantiveram sempre uma relação objetiva e de respeito mútuo, cujos pedidos de encontros foram correspondidos, permitam agora, e até estimulem, uma caça às bruxas sem precedentes, e um pré-julgamento contra mim, numa intensidade além de qualquer medida.

"Desprezam-se, assim, o direito e a lei e exclui-se qualquer possibilidade de um julgamento imparcial dos membros do Partido e da direção do Estado da RDA..."

"O julgamento da direção da RDA é, ao mesmo tempo, o tratamento da maioria dos antigos cidadãos da RDA como alemães de segunda classe e o encobrimento da punição jurídica, política e social de todos os que participaram ativamente da construção da RDA."

"No interesse do povo alemão, e de sua honra, é necessário pôr fim a esta 'inquisição'..."

"A RDA foi vendida por Gorbachev mediante um acordo. A unificação da Alemanha, como todo mundo sabe, não é obra do governo de Bonn. Só pôde ser feita com a vontade dos então governantes da União Soviética e com o apoio deles. Não há, pois, razões para que assumam a pose de 'vencedores'".

"Nem no interior da Alemanha a unidade está efetivada pois a nação está profundamente dividida..."

"Calam-se os órgãos de informação internacionais sobre os grosseiros atentados aos direitos humanos que se cometem na República Federal da Alemanha. Centenas de milhares de cidadãos, que cumpriram seus deveres na RDA, são impedidos de trabalhar; milhões de trabalhadores são desempregados; antigos membros do Partido e das organizações sociais, membros das forças armadas, da polícia, dos serviços de segurança, dos serviços diplomáticos, são excluídos da vida social. E não apenas estes, mas também médicos, cientistas, professores, desportistas e artistas..."

"A fronteira entre RDA e a RFA não era nenhuma 'fronteira interna', mas uma fronteira entre Estados juridicamente reconhecidos. É o que está no tratado de Helsinque. No Tratado em Moscou, de 1970, a RFA e a URSS assentaram definitivamente a invariabilidade das fronteiras da Europa, inclusive da 'fronteira entre RDA e a RFA'. Sem esta resolução, não teria havido qualquer tratado em Moscou, nem também de Helsinque".

"A acusação levantada contra mim e contra outros antigos membros da direção do Partido e do Estado, de estimular a aplicação da pena de morte, é o mascaramento de uma perseguição política nas vestes de um processo criminal. É a vingança que os 'vencedores' tomam contra supostos 'vencidos'."

Não tem qualquer fundamento jurídico ou moral. É o desprezo consciente do mais recente desenvolvimento histórico e não apenas nega o término da guerra fria, mas também a aguçã no interior da Alemanha. Esta acusação faz da unificação da Alemanha um ato de colonização dos territórios da RDA pela RFA. Jamais condenei ninguém à pena de morte, na qualidade de presidente da Conselho de Estado da RDA (desde 1976) e do Conselho de Defesa Nacional..."

"As mortes que ocorreram em ambos os lados da fronteira estadual da RDA só podem ser corretamente ajuizadas, do ponto de vista moral, político e jurídico, se não forem separadas das condições históricas em que se deram. A construção do muro foi consequência do desenvolvimento político depois do término da II Guerra Mundial. Quando os quatro aliados que se juntaram contra a Alemanha fascista se tornaram adversários políticos, quando a guerra fria foi levada quase à beira de uma guerra quente, quando se organizaram na Alemanha dois Estados independentes, primeiro a República Federal da Alemanha (RFA) e depois a República Democrática da Alemanha (RDA), quando os dois Estados alemães se filiaram a pactos militares antagônicos, criou-se em 1961, uma situação que evocava o perigo de uma guerra atômica. Nessa situação, decidiram os Estados do Pacto de Varsóvia, em seu conjunto, que a fronteira entre os países do pacto de Varsóvia e os países da OTAN, inclusive as fronteiras da RDA - mas não apenas as da RDA - deveriam ser fortificadas, e de fato o foram".

"Esta medida foi, sem dúvida, um duro golpe que atingiu muitos alemães nas suas relações familiares. Ninguém sabe, porém, quantos sacrifícios dos alemães e dos europeus foram evitados, não fossem tomadas essas decisões. Concordei com essas medidas no exercício das minhas funções, e as assumi. Por elas, estou pronto a responder. Não concordo, porém, de forma alguma, em ser tratado como criminoso, nem muito menos em ficar calado quando meus companheiros são tratados como criminosos".

"De qualquer forma, a História decidirá se meus companheiros e eu correspondemos às exigências que a idéia humanista do marxismo impõe aos comunistas. Defendi esses ideais com a mais profunda convicção e estou pronto a defendê-los também no futuro".

"A História também decidirá sobre a compatibilidade entre as concepções que se dizem cristãs, liberais e democráticas, e o tratamento que estão recebendo os cidadãos da República Democrática da Alemanha, e, em especial, os acusados do chamado 'processo das munições do muro', além dos membros do Partido da Alemanha Democrática da Alemanha..."



## PCdoB



A militância e os amigos sabiam que não estavam elegendo simples vereadores

# Crônica de uma eleição

LEJEUNE MATO GROSSO  
Sociólogo, professor da Unimep

Parecia uma eleição como outras tantas que já ocorreram. Mas, para os comunistas, para seus amigos e aliados, era sempre uma eleição diferente. Era mais uma entre tantas as batalhas, que no dia-a-dia eles todos enfrentam.

Ela teve um sabor especial. Pois ocorreu poucos dias depois da votação do tão esperado impedimento do Presidente da República, reivindicado principalmente pelos setores populares. E o povo foi para a batalha.

Muniu-se no dia 3 de outubro com as armas que dispunha: cédulas de boca-de-urna, adesivos, botom, uma e outra bandeira, às vezes um boné do Partido, e aqui e ali uma sacola pequena para guardar o material. Vestiu em algumas localidades, a camiseta do seu candidato comunista. E foi para a guerra. Foi para vencer.

A militância e os amigos sabiam que não estavam elegendo simples vereadores, sejam eles do interior rural do Brasil ou da grande capital que é São Paulo. Tinham a firme convicção que estavam elegendo líderes firmes e provados na luta. Estavam confiantes que aqueles eleitos, se transformarão em comandantes das lutas do povo, destacados dirigentes do processo de transformação profunda desta sociedade.

Operários e sindicalistas levantaram logo cedo, apesar das altas horas em que foram deitar. Mas não havia problema. Quantas noites durante toda a campanha não foram também poucas as horas de sono? E esta última noite era muito especial. Tinham que ultimar os preparativos para a eleição. Foram cedo para o local da batalha. Marcaram as suas posições, asseguraram os seus lugares estratégicos para abordar os eleitores que chegassem ainda indecisos às urnas. Sacrificaram mais um sábado que poderia ser de descanso, por uma jornada de luta que não se acabava no dia 3. Sabiam que tudo que faziam, valia a pena, pois agiam de forma consciente.

Passaram mais de 12 horas na porta das seções eleitorais. Não arredaram o pé.

Foi uma jornada de sol a sol. Muito mais estafante e cansativa do que outros dias. Mas não se viam sinais de cansaço. Ficaram também vermelhos por fora, pelo sol que tomaram. Mas não recuaram. Não esmoreceram. Nos locais onde os candidatos do partido possuem um trabalho mais concentrado, havia casas de famílias, onde donas-de-casa davam apoio e infraestrutura para a batalha. Serviam água e quicá, um cafezinho.

Jovens, camponeses, que muitas vezes tiveram que marchar quilômetros para chegar à cidade, homens e mulheres do povo, ficaram o dia todo a postos. Quase não houve tempo sequer para a comida. Talvez um lanche para segurar a fome. Muitos dos amigos e aliados do partido quase sempre traziam apenas dinheiro para pagar as passagens dos ônibus que utilizaram. Mas de nada reclamavam. Trabalharam ao lado de outros "cabos" eleitorais de outros partidos. Sabiam que estes estavam ganhando cifras que muitas vezes significavam até um mês de seus parcos salários. Mas não esmoreceram, pois não se sentiam "cabos". Eram "gerais" de campanha.



LEANDRO SCHILIFAKE

Esse mesmo exército que fez a boca-de-urna, teria que prolongar o seu trabalho. Ainda nesse dia, após às 18 horas, começaria a apuração. Uma nova batalha, não sem importância. Não havia exércitos de reserva. Era preciso continuar com os mesmos homens e mulheres, no processo da fiscalização das eleições.

O que movia estas pessoas? Como reuniam tanto vigor e energia? Será que trabalhavam tanto só para eleger outros homens e outras mulheres? Que tem de especiais estes que se tratam por "camaradas"? São homens e mulheres conscientes do seu papel na história. Sabem que a eleição de mais um vereador comunista, do PCdoB, não é uma questão secundária. Não têm ilusão quanto ao papel do parlamento, mas sabem que a tribuna legislativa pode ser mais um canal de manifestação ampliada da voz do povo oprimido.

Os resultados preliminares já estão mostrando um crescimento da combativa, ainda que pequena, bancada comunista nas Câmaras Municipais. Cresceu o partido nas capitais e principais cidades do país. Em muitas delas foram os mais votados das suas coligações. E tudo isso, apesar da grande onda mundial anti-comunista e neoliberal.

Logo os "analistas políticos" de plantão deverão fazer as suas análises. Vociferarão por mudanças nas regras das eleições. Gritarão pela urgência do voto distrital. Serão articuladas manobras para deter o avanço dos progressistas. Mas a história não pára. O PCdoB continuará empenhado em transformar-se de imediato num partido de porte médio e de expressão nacional.

Foi investido desse nobre sentimento, almejando um mundo melhor não propriamente para si, mas para seus filhos e para todas as crianças, é que tantos homens e mulheres, se puseram nas ruas em 3 de outubro. Foi por acreditarem nesse mundo melhor, verdadeiramente socialista, que sabem virá, é que saíram às ruas. E venceram mais esta batalha, rumo à vitória final.

## Novos filiados no curso da campanha

O Diretório Regional de São Paulo colocou-se o desafio de concretizar um plano de aumento das fileiras do PCdoB durante o período da campanha eleitoral. Terminada as eleições de 3 de outubro o balanço é positivo, chegando a 2 mil os novos filiados. O Secretário de Organização do Diretório Regional de São Paulo, Jairo José, falou à Classe Operária sobre os resultados obtidos na campanha de filiação.

**Classe - Que metas foram definidas para a filiação ao PCdoB durante a campanha eleitoral?**

**Jairo -** O Diretório Regional fez um plano tendo como eixo central dois aspectos: o crescimento intensivo em áreas de importância estratégica para o partido e o crescimento extensivo visando capitalizar a crescente influência política do partido.

O plano intensivo foi feito também com base na orientação de que o partido não pode entrar numa batalha e sair do mesmo tamanho. Como universo estratégico definimos as cidades de concentração operária e as categorias de trabalhadores da capital de importante participação na luta como rodoviários, metroviários, trabalhadores na saúde, etc. As metas definidas em conjunto com as áreas foram em sua grande maioria alcançadas o que deu uma qualidade nova à questão da filiação em São Paulo.

Quanto ao crescimento extensivo, foi favorecido pelo clima político da luta contra Collor e pelo impeachment. Isso possibilitou uma adesão ao partido que mesmo não sendo espontânea foi além das expectativas planejadas.

O resultado final superou os objetivos definidos. Da meta de 100 operários chegamos a 350, de 50 rodoviários chegamos a 120. A cidade de Ribeirão Preto incorporou 400 novos filiados. Pindamonhangaba 260, Cubatão 500 e Praia Grande 440.

**Classe - Como a campanha do "Fora Collor" influiu no processo de filiação?**

**Jairo -** O clima político de participação, sobretudo da juventude nesse processo favoreceu o crescimento das fileiras partidárias. Isso foi reforçado pelo fato de que muitas lideranças estudantis que se projetaram nacionalmente eram do PCdoB. Juntando-se a esses fatores muito contribuíram os materiais específicos para a juventude visando divulgar a política do PCdoB e convidando os jovens a ingressarem em suas fileiras. O slogan "A rebeldia tem partido" teve grande aceitação entre os estudantes. Mais de 100 deles já se incorporaram às fileiras do PCdoB. O dado significativo é que grande parte deles são dirigentes de grêmios estudantis, militantes e dirigentes de Centros Acadêmicos e DCEs, o que seguramente contribuirá para o fortalecimento e organização da luta estudantil.

**Classe - E a campanha eleitoral também ajudou nesse processo de filiação?**

**Jairo -** Sem dúvida. A campanha eleitoral contribuiu para a filiação de lideranças destacadas que se transformaram em valiosos cabos eleitorais dos candidatos do PCdoB. A prática vivida por nós aqui em São Paulo mostrou que é possível aumentar as fileiras partidárias no curso do processo eleitoral.

**Classe - Qual o próximo passo a ser atingido?**

**Jairo -** O novo desafio é legalizar o PCdoB no Estado de São Paulo. Isso quer dizer constituir 120 diretórios municipais. Temos muito trabalho pela frente, pois até o momento, embora tenhamos comissão provisória em 80 municípios, só temos o partido legalizado em cerca de 40 municípios. Além disso pretendemos manter o plano de construção do PCdoB na classe operária e na juventude.

**Classe - Qual o próximo passo a ser atingido?**

**Jairo -** O novo desafio é legalizar o PCdoB no Estado de São Paulo. Isso quer dizer constituir 120 diretórios municipais. Temos muito trabalho pela frente, pois até o momento, embora tenhamos comissão provisória em 80 municípios, só temos o partido legalizado em cerca de 40 municípios. Além disso pretendemos manter o plano de construção do PCdoB na classe operária e na juventude.



Jairo José



ESPECIAL

A Classe  
Operária

# EUROPA ABALADA

*Lições da crise monetária europeia*

LUIS ANTONIO PAULINO

Às vésperas do plebiscito que iria ratificar ou não a adesão da França ao Tratado de Maastrich, que prevê a integração política e monetária da Europa através da criação de uma moeda comum, a Europa foi abalada por uma violenta crise monetária que espalhou nuvens sombrias sobre as perspectivas de uma maior integração econômica dos países europeus no curto prazo. Independentemente do "sim" ao tratado ter sido vitorioso na França, por uma margem inferior a 1%, a recente crise mostrou que a integração europeia terá muitos tropeços pela frente.

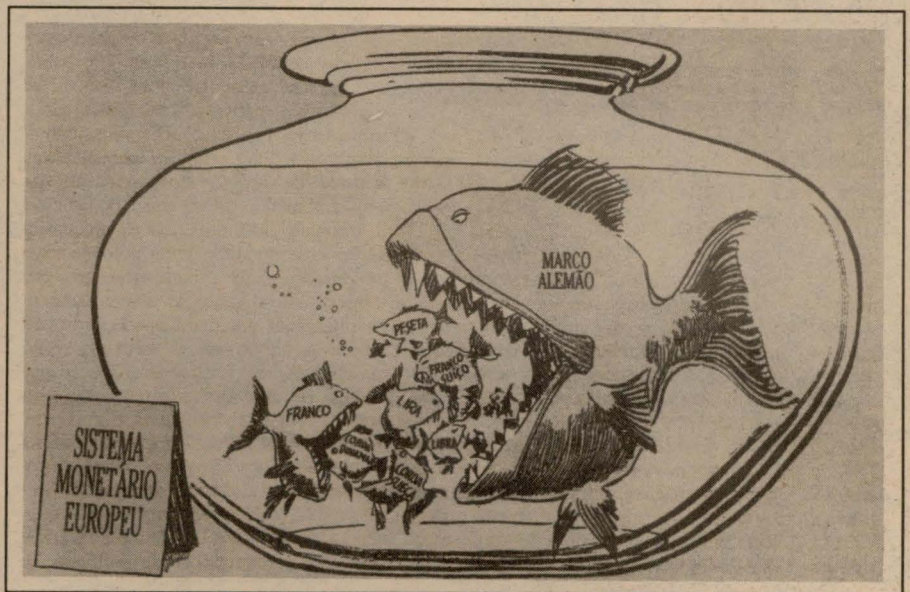
O estopim da crise foi a grande valorização da moeda alemã, o marco, frente ao dólar e às demais moedas européias. O marco alemão, ao lado do dólar americano e do yen japonês são hoje as três moedas fortes do mundo. Ocorre, entretanto, que o dólar vem se enfraquecendo cada vez mais, frente às outras duas moedas, como reflexo da paralisia que ataca a economia americana, que, enredada nas malhas do neoliberalismo se afundou no pântano da improdutividade.

## Dólar x Marco

Na medida em que a enorme quantidade de dólares que os americanos emitem não possui uma contrapartida real em uma "moeda-mercadoria" (o ouro) e nem pode ser considerada como representante de uma produção incontestavelmente válida a nível internacional (dado que a produção americana se torna cada vez menos competitiva), o dólar vai perdendo força frente às moedas de países como Japão e Alemanha que alcançaram níveis de produtividade superiores aos Estados Unidos.

Na medida em que o dólar cai, os capitais do mundo inteiro procuram uma moeda-refúgio, que no caso é marco. Esta preferência pelo marco, por sua vez, está relacionada, ainda, a fatores conjunturais. Desde a unificação alemã, a Alemanha vem injetando anualmente, na antiga Alemanha Oriental, cerca de 200 bilhões de marcos, não para investir num parque industrial, mas para que os alemães orientais comprem os produtos produzidos na Alemanha Ocidental. Isso fez com que a inflação alemã saltasse de 1,3% ao ano em 1988, para 4,8% ao ano em março último, índice extremamente alto para os padrões alemães. Como forma de combater a inflação e atrair capitais para financiar a unificação, o Bundesbank (o banco central alemão) elevou as taxas de juros de cerca de 3% em julho de 1988 para 9,75% em julho de 1992. Os Estados Unidos, em contrapartida, com sua economia completamente encalhada, numa desesperada tentativa de reanimar os investimentos produtivos baixaram sua taxa de juros para pouco mais de 3%. Estabeleceu-se assim um diferencial de cerca de 7 pontos percentuais entre as taxas de juros norte-americana e alemã, e provocou uma corrida de capitais de Nova Iorque para Frankfurt.

Ocorre entretanto, que as moedas européias estão atreladas umas às outras pelo Sistema Monetário Europeu (EMS). Tal



sistema estabelece uma paridade fixa entre essas moedas e permite uma estreita margem de variação entre elas. Diante da tendência de valorização do marco, os demais países europeus foram também obrigados, para tentar evitar uma fuga de capitais em direção ao marco, a também elevar suas taxas de juros e manter assim o poder de compra de suas moedas em relação à moeda alemã. A Inglaterra elevou sua taxa de juros de 10 para 15% e a Suécia chegou ao extremo de elevar sua taxa de juros 500% para evitar a desvalorização de sua moeda, a coroa. Ocorre porém que a maioria dos países da Europa e particularmente a Inglaterra se encontram há vários anos em recessão. E a elevação da taxa de juros desestimula ainda mais os investimentos produtivos, aprofundando a recessão e o desemprego nesses países. Daí a irritação dos demais países europeus com a Alemanha e a intempestiva saída da Inglaterra e da Itália do Sistema Monetário Europeu para permitir que suas moedas oscilem livremente em relação ao marco, numa tentativa de não recrudescer ainda mais a recessão nesses países.

Tais fatos demonstram claramente que, nos limites do capitalismo a integração entre os diversos países, mesmo num espaço geo-político delimitado e relativamente homogêneo como a Europa é extremamente difícil e quando se realiza, tem a nítida marca da dominação do mais fraco pelo mais forte. A internacionalização da economia mundial, enquanto tendência objetiva do capitalismo, vem estimulando a formação de blocos econômicos, não só na Europa, como em outros lugares do mundo, como o recente acordo de livre comércio assinado pelos EUA, México e Canadá (NAFTA).

## Riqueza concentrada

Nos marcos do capitalismo, a formação desses blocos tem levado a uma concentração cada vez maior do poder político e econômico nas mãos das grandes potências econômicas e do aprofundamento das desigualdades sociais em cada país e entre os diferentes países. Basta notar, por exemplo que, fruto do acordo de livre comércio dos Estados Unidos com o México, enquanto as exportações do México para os Estados Unidos subiram, entre 1987 e 1990, de US\$ 20,6 bilhões para US\$ 26,8 bilhões, um aumento, portanto, de 30%, as suas importações do Estados Unidos subiram de US\$ 12,8 bilhões para US\$ 29,7 bilhões - um aumento de 143%. É evidente, portanto, que o acordo entre os dois países tem servido muito mais para os Estados Unidos ter amplo acesso ao mercado mexicano do que para elevar o intercâmbio comercial entre os dois países.

Só num novo regime social, onde o principal objetivo seja a valorização do homem e não do capital, será possível uma verdadeira integração entre os povos do mundo.